

ILUSTRAÇÃO

N.º 199 — 9.º ano



As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—DA TERRA A LUA, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—A RODA DA LUA, 1 vol.
- 3—A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.
- 5—2.ª parte—*O deserto de gelo.* 1 vol.
- 6—CINCO SEMANAS EM BALÃO, 1 vol.
- 7—AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES, 1 vol.
- 8—VIAGEM AO CENTRO DA TERRA, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul.* 1 vol.
- 10—2.ª parte—*Austrália Meridional.* 1 vol.
- 11—3.ª parte—*Oceano Pacífico.* 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas.* 1 vol.
- 13—2.ª parte—*O fundo do mar.* 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar.* 1 vol.
- 15—2.ª parte—*O abandonado.* 1 vol.
- 16—3.ª parte—*O segredo da ilha.* 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar.* 1 vol.
- 18—2.ª parte—*A invasão.* 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860.* 1 vol.
- 20—2.ª parte—*A ilha errante.* 1 vol.
- 21—UMA CIDADE FLUTUANTE, 1 vol.
- 22—AS INDIAS NEGRAS, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico.* 1 vol.
- 24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa.* 1 vol.
- 25—O DOUTOR OX, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal.* 1 vol.
- 27—2.ª parte—*Na África.* 1 vol.
- 28—A GALERA CHANCELLOR, 1 vol.
- 29—OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN, 1 vol.
- 30—ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante.* 1 vol.
- 32—2.ª parte—*A ressuscitada.* 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível.* 1 vol.
- 34—2.ª parte—*A justificação.* 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra.* 1.º vol.
- 36—1.ª parte—*A descoberta da terra.* 2.º vol.
- 37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.
- 38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.
- 39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.
- 40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.
- 41—A ESCOLA DOS ROBINSONS, 1 vol.
- 42—O RAIOS VERDE, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari.*
- 44—2.ª parte—*O regresso.* 1 vol.
- 45—A ESTRELA DO SUL, 1 vol.
- 46—OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio.* 1 vol.
- 48—2.ª parte—*Cabo Matifoux.* 1 vol.
- 49—3.ª parte—*O passado e o presente.* 1 vol.
- 50—O NAUFRAGO DO «CYNTHIA», 1 vol.
- 51—O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672, 1 vol.
- 52—ROBUR, O CONQUISTADOR, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar.* 1 vol.
- 54—2.ª parte—*Justical* 1 vol.
- 55—O CAMINHO DA FRANÇA, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida.* 1 vol.
- 57—2.ª parte—*A colónia infantil.* 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor.* 1 vol.
- 59—2.ª parte—*O padre Joan.* 1 vol.
- 60—FORA DOS EIXOS, 1 vol.
- CESAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente.* 1 vol.
- 62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo.* 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRAN-
NICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos.* 1 vol.
- 64—2.ª parte—*Deus dispõe.* 1 vol.
- 65—O CASTELO DOS CARPATHOS, 1 vol.
- 66—EM FRENTE DA BANDEIRA
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões.* 1 vol.
- 68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.
- 69—CLOVIS DARDENTOR, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais.* 1 vol.
- 71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro.* 1 vol.
- 72—A CARTEIRA DO REPÓRTER, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel.* 1 vol.
- 74—2.ª parte—*O coronel de Kermor.* 1 vol.
- 75—UM DRAMA NA LIVÓNIA, 1 vol.
- 76—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 1.º vol.
- 77—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 2.º vol.
- 78—A INVASÃO DO MAR, 1 vol.
- 79—O FAROL DO CABO DO MUNDO, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveriza-
ções, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

ACABA DE SAÍR:

ALEXANDRE HERCULANO

SCENAS DE UM ANNO DA MINHA VIDA

E APONTAMENTOS DE VIAGEM

Coordenação e prefácio de Victorino Nemésio

1 vol. de 324 págs., broc. 12\$00
enc. 17\$00

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$10	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	61\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Não dê ao Seu Filho Leite ou Farinha de Origem Desconhecida

Como quereis que os vossos filhos cresçam robustos e saudáveis, se lhes deas alimentos improprios, ou de origem que não conheceis?

Quantas vezes o leite é mau e as farinhas estão misturadas com drogas nocivas à saúde, ou não são de confiança?

D'ahi as enterites e outras perturbações gastricas, que, se não são fataes, deixam um rasto doloroso para toda a vida.

Se cuida da saúde do seu filho ou do seu doente, não tente experiencias perigosas. Na celebre



MAIZENA DURYEA

encontrará V. Exa. o alimento mais puro, mais nutritivo e mais economico que existe.

A MAIZENA DURYEA é vendida em todo o Mundo há mais de 70 anos e todos os medicos a conhecem como um producto de inexcusada confiança. Milhares de laboratorios officiaes e particulares a têm analysado e os seus triunfos contam-se por cada analyse a que tem sido submetida.

A MAIZENA é um alimento natural de paladar delicioso. É rica em gluten e em proteínas e possui 89% de hidratos de carbone. Digere-se em 2/3 minutos, quando a farinha de trigo leva 30/60 minutos e a de batata 2/4 horas. Se consultardes o vosso medico ele vos dirá:—os alimentos valem pela sua assimilação.

leção, e por isso a MAIZENA DURYEA, é o melhor de todos.

A fama da MAIZENA tem feito surgir infinitas imitações. Não faça caso do que lhe disserem e regeite-as—se não quere pôr em risco a saúde de quem as usar.

A MAIZENA tem a mais larga applicação na confecção de doces, puddings, biscoitos, etc. Damos, gratis, um livro de cozinha, com receitas deliciosas e variadas, a quem no-lo pedir.

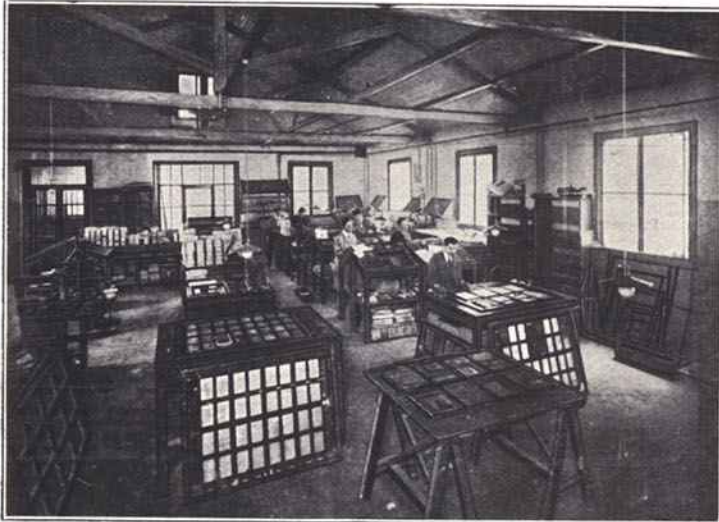
CARLOS DE SA PEREIRA, Lda.
Rua dos Sapateiros 115, 2º, LISBOA

Queira enviar-me um exemplar gratis do seu livro de cozinha.

Nome

Morada

Localidade



Oficina de composição

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 2 0739

RUA DA ALEGRIA, 30
LISBOA

As mais modernas instalações do paiz e aquelas que maior capacidade de produção possuem



Secção especial de publicações ultra-rápidas

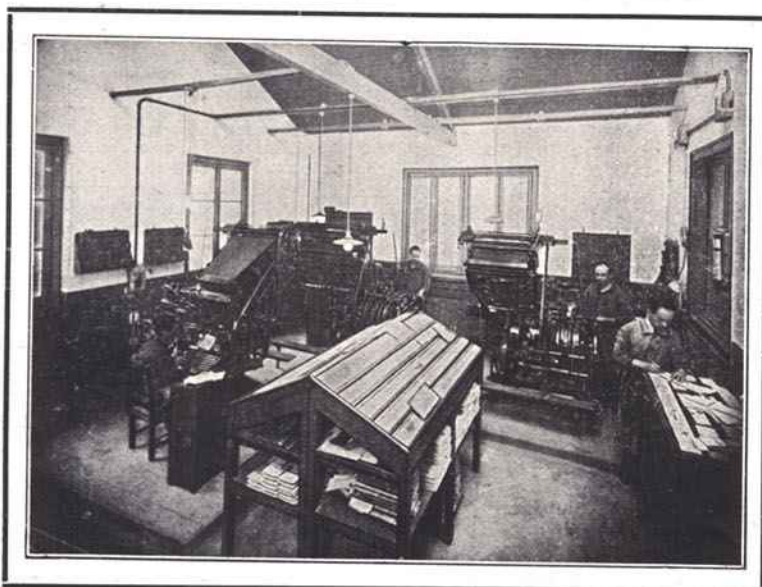


LIVROS, RELATÓRIOS, ETC.

TRABALHOS
COMERCIAIS

INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO

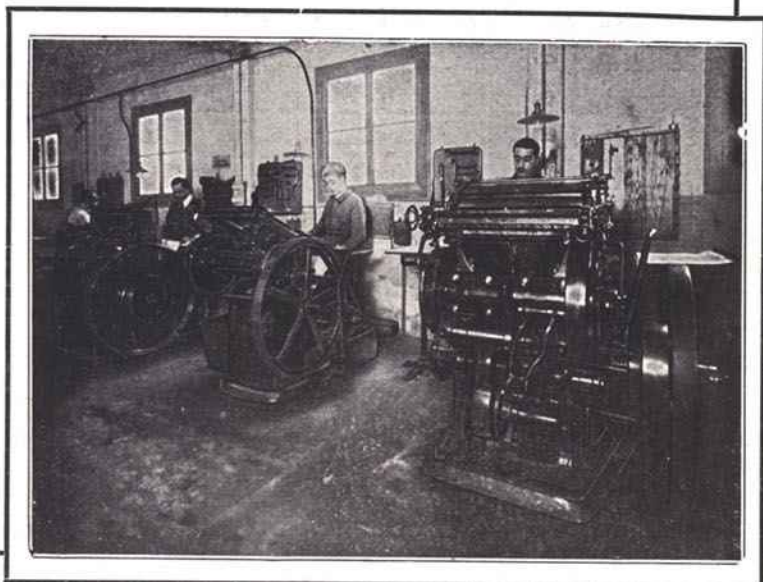
ORÇAMENTOS GRATIS



Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,
Almanaque
Bertrand
e
História
da
Literatura



Oficina de impressão

MARIA BENIGNA

O novo livro de AQUILINO RIBEIRO

Está no 4.º milhar

Autor consagrado, de mérito inconteste, a aparição dum novo livro de Aquilino Ribeiro é sempre revestida da curiosidade e do interesse que as boas obras literárias despertam no público.

MARIA BENIGNA, interessante romance de amor, é a última produção deste notável escritor, dos maiores da sua geração. Figuras, paisagem, ambiente é tudo novo, tudo diferente nesta preciosa obra, visto que o seu autor, desta vez, transportou para a capital os seus personagens, fazendo de Lisboa o centro de desenvolvimento da sua acção. Através de qualidades singulares que esta obra encerra, depara-se-nos uma melancolia e um pessimismo que não conhecíamos em outras obras de Aquilino Ribeiro, e que transmitem à **MARIA BENIGNA** uma suavidade encantadora e uma modalidade interessante na forma do eminente escritor.

1 vol. de 286 págs., brochado . . . Esc. 12\$00
Encadernado . . . Esc. 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

A' venda em todas as boas livrarias

A 2.ª EDIÇÃO DO

TOLEDO

IMPRESSÕES E EVOCAÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 volume de 262 páginas, brochado 10\$00

Encadernado 15\$00

Pedidos aos editores **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal

POR **ALEXANDRE HERCULANO**

3 volumes 1.189 paginas

Brochados 30\$00

Encadernados 45\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73 Rua Garrett, 75 - LISBOA

THERMOGÈNE

GERA
O CALOR



E
COMBATE

Tosses — Gripe — Bronquites — Reumatismo — Pontadas — Lumbagos, etc.

MODO DE USAR — Aplicar o Thermogène sobre a parte dolorosa, tendo cuidado que a camada de algodão adira bem à pele.
Para obter uma acção mais rápida e mais enérgica, salpicar o Thermogène, antes da sua aplicação, com um pouco de água ou alcohol.

O Thermogène substitui, com vantagem, os cataplasmas, sinapismos, emplastros, linimentos, vesicatórios e outros revulsivos, cujas propriedades reúne, sem ter os seus inconvenientes

AGENTE PARA PORTUGAL E COLONIAS: **RAUL GAMA,**

31, R. dos Douradores - LISBOA

A figura acima do PIERROT EXALANDO FOGO deve encontrar-se no verso de cada caixa

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

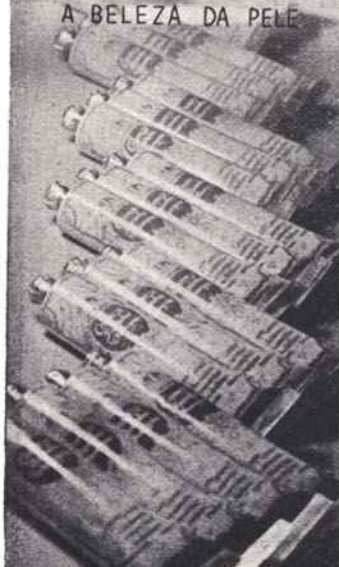
Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80 - LISBOA


USE O CREME

Rainha da Hungria

INDISPENSÁVEL PARA
A BELEZA DA PELE



DÁ-LHE A FRESCURA DA NATUREZA



M.^{tes} CAMPOS
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA



Feliz
e sem dôres
graças á

Calaspirina 

Saiu a nova edição

CARTAS
DE
ALEXANDRE HERCULANO

2 vol. de 594 págs., broc. 20\$00

Encadernado 30\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

**VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO
DA LINGUA PORTUGUESA**

FOR A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional»
e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

**Com mais de 100:000 vocábulos, conforme
a ortografia oficial**

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia
das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposi-
ções a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE
HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária
e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS
OS GENEROS simples e de luxo**

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

ANDOU o inverno mascarado de primavera, decerto para enganar os pardais que são uns levianos, e aborrecer os bois que são uns brutos, apenas contentes com as febras de erva feitas pela chuva. Agora mostra-se a primavera amuada com a brincadeira e nada de deitar cá para fora as flores que usa trazer consigo.

E acontecerá que ficaremos sem primavera, como ficamos sem inverno e assim por diante de estação em estação. Deixam os tempos de ser o que eram. Muda o céu, a terra, a chuva, o sol, os ventos. Não admira que se modifiquem as árvores, os animais, e as gentes. Menos ainda deve estranhar-se que estas alterem a feição, os hábitos e modos de proceder. Que se mostrem diferentes do que foram, quando em janeiro chovia e ventava, em abril esplendia o sol de cristal, nada mais lógico. Com essas temperaturas regradas, a praso fixo, com geadas, neves, bátegas de água, orçamentadas e cumpridas, obedecia a moral e os costumes a ritmo igualmente seguro. Sabia-se o que era um homem honrado, uma nação honesta, uma sociedade séria, como se sabia que na meada de fevereiro iam os rios de monte a monte, a erva acamava nos prados e a gordura no lombo da vaca entregue ao açougue. Existia uma ordem que derivava de uma regra sempre seguida.

Não se sabe como, essa bô arrumação perdeu-se. Os astros decidiram modificar os seus princípios, talvez aborrecidos da constância, fartos de repetir o mesmo giro. Colocaram por cima o que estava por baixo, quente o que era frio, agitado o que foi socegado. Porque o fizeram? E lá com eles.

Então os homens com a sua velha tendência para imitar quanto vêem assim que se aperceberam do desleixo astral seguiram-lhe o exemplo. Abandonaram os sistemas, as idéas, os conceitos antes respeitados, e adoptaram outros quasi opostos.

O que deve não paga, o que sabe ninguém o ouve, o que trabalha não tem merecimento. Vale mais um pontapé que um soneto. Um sócio espanta o mundo, um ladrão compra o parlamento, o ministério, a justiça e demais potestades de um grande país.

Habitamos de facto um mundo muito diferente do que existiu no tempo em que as cerejeiras floriam em março. Tudo o que então era, deixou de ser. Por isso não devemos estranhar que uns homens de cara amarela, olhos esquisitos, até há pouco catalogados como uma simples extravagância da natureza, se lembrem agora de aborrecer a gente de pele branca, e

CRÓNICA DA QUINZENA

queiram destruí-la. Ao que parece haviam decidido acabar com quem não apresentasse a sobancelha enviezada, devendo começar a tarefa aniquiladora ao entrar da primavera.

E aqui está como serviu para alguma cousa a anarquia celestial. Salvou a gente de cara direita desse encontrão, escamoteando a quadra florida das vistas do asiático.

Segundo se diz a campanha começaria por uma inundação de automóveis a pataco, atraz do que seguiria um dilúvio de soldados a menos de real.

Eis no que deram as maluqueiras de Júpiter e a sua falta de governo na chuva e no bom tempo.

O resultado do último futebol 2-1 não invalida o que muita gente boa disse, e a opinião geral aprovou, sobre o destempero de Madrid que nunca mais deve permitir-se.

Podem o Club dos Brissos e o Onze do Alto de Varejão ir aonde lhes apeteça, jogar como quiserem, proceder como a gana lho mande. Levando nome e distintivo particular seguirão a sua veneta que ninguém lhes pedirá contas.

Muito diversa se apresenta a condição dos que pretendiam passar a fronteira e usar do título e côres da bandeira portuguesa. O caso então muda muito de figura porque não interessa apenas aos rapazes do pontapé, aos empresários de espectáculos, e aos críticos da sua côrte que os consideram uns santos, sem responsabilidade nos desaires ocorridos. Também importa aos que não entendem nada de jôgo, mas são competentes para entender aonde está, ou não está a dignidade do nome colectivo.

Assim se deduz a conveniência de instituir em regra e boa forma uma auctoridade que aprove ou regeite a selecção que se apresente a requerer qualidade nacional para qualquer efeito de relações externas.

A representação de Portugal em congresso de astronomia, de medicina, de pautas aduaneiras, em campeonatos de futebol é sempre um acto de significação colectiva, de ordem geral. Interessa por isso a todos os que presam o seu

brio adjectivo e pretendem que se lhe vede o emprêgo arbitrário.

O Marquês de Rotunda, encavado com a pateada geral que o acolheu, havia decidido sumir-se pelo chão abaixo, no que mostrava possuir um bom bocado de vergonha.

Já o povo cordato e justiceiro dizia consolado "deixá-lo enterrar que não faz falta nenhuma à fauna e flora de Portugal o acompanhamento com que apareceu à luz do dia".

Andava-se neste socego de alma quando a Camara se lembrou de estorvar aquele gesto tão louvável e digno. O genial ministro, mais o seu estúpido circo de feras, ia já a muitos palmos abaixo do chão e não tardaria a desaparecer se a picareta municipal não acorresse a desentulhá-lo.

Dianhos levem a pressa que nenhum morador ha-de agradecer-lhe.

Pois não seria melhor esperar que as chuvas e os lódos acabassem por submergir o rei dos animais e tirá-lo da vista do transeunte?

Desde que o monstro ali apareceu até as arvores secam mais, certamente do pavor que lhes causa a sua boca atroz.

Pior ainda é o gosto pelas abantesmas ter pegado. Parece que corremos risco de cair-nos outra em sorte que mesmo sem formar, como esta, um dicionário de horrores, também não concorrerá pouco para elevar Lisboa á categoria de «a urbe horrenda do universo». Teremos de sujeitar-nos porque, dada a insistência, e tratando-se de Lisboa, a terra com palmeiras onde cantá o choradinho, deve ser força de fado a cumprir.

Acabou-se.

Disso faremos uma singularidade e depois atrativo turístico. «Visita a cidade mais feia, edificada na posição mais bela».

Fica bem por baixo de um cromo com o boi, o soprador de garrafas, o garoto em cercoulas, cercados de parafusos e perúas vegetais, reproduzindo as que enfeitam os jardins.

Atrairemos assim gente da América e do Báltico, mulheres de óculos, homens em camisola com suas máquinas fotográficas que tomarão instantâneos para demonstrar aos conterrâneos que ainda existe na Europa aquilo que não se consentiria na Basutolândia.

Como temos agora um conselho de estetas é de esperar que ele nos assegure a primazia citada, não permitindo que se erga, seja o que fôr, sem a marca autêntica de fealdade absoluta.

Samuel Maia.



Encontra-se em Lisboa há dias o distinto publicista brasileiro sr. Norberto

Jorge, que veio propositadamente ao nosso país fazer entrega ao Museu João de Deus dum quadro do pintor portuense, comendador Rodrigo Soares, que há anos reside na cidade de S. Paulo, que representa o autor da «Cartilha Maternal» ensinando o seu método de leitura a alguns populares... cerimônia do oferecimento da lindíssima tela, presidiu a viúva do grande poeta, sr.^a D. Guilhermina Battaglia Ramos, como representante da família, secretariada pelos srs. dr. Sacramento Monteiro, da Associação João de Deus e marquês de Faria, do Grupo dos Amigos de João de Deus. O sr. Norberto Jorge, que nos honra com o artigo que abaixo publicamos, prouneceu uma eloquente alocução, pondo em relevo a grande figura do autor da «Cartilha Maternal».

Em nome da família, respondeu o nosso amigo sr. dr. João de Deus Ramos. Assesão, compareceram todos os membros da família de João de Deus, as professoras do Jardim-Escola e grande numero de socios da Associação de Jardins-Escolas João de Deus.

VIVE em S. Paulo, Brasil, há longos anos, um artista que, conquanto esteja, diariamente, com centenas de pessoas, poucas, entretanto, saberão que o cavalheiro amável, que com elas trata, é um fino pintor, que se educou em Paris, frequentando a Escola de Belas Artes, tendo como contemporâneos, no seu e em outros ramos da inteligência, alguns dos nomes mais fulgurantes das ciências, das letras e das artes.

Prazeirosamente, aqui, evocamos, como uma ressurreição para os que já se passaram à outra existência e glorificação, para os poucos que ainda vão marcando, de maneira indelével, a razão de ser da sua vida: — Teixeira Lopes, Soares dos Reis, Ricardo Severo, Guerra Junqueiro, Xavier de Carvalho, conde de Valenças, Carlos Reis, Magalhães Lima, Betencourt Rodrigues, Eduardo Prado, Eça de Queiroz, João Chagas, Alves da Veiga, Jorge Colaço, Alves Lima, Teixeira Gomes, António Nobre e tantos outros, que o tempo, no seu incessante rodar, já envolveu na teia do esquecimento... Referimo-nos,

COMENDADOR RODRIGO SOARES pintor portuense e que reside actualmente em S. Paulo (Brasil).

Fotografia tirada à porta do Museu João de Deus, no dia da entrega do quadro de Rodrigo Soares. Ao centro, vê-se a viúva do poeta do «Campo de Flores» e à esquerda, seu filho, o nosso amigo sr. dr. João de Deus Ramos.

UMA DADIVA DE VALOR

Foi oferecido ao Museu João de Deus um quadro dum pintor portuense representando o autor da "Cartilha Maternal"

à personalidade ilustre, do comendador Rodrigo Soares, co-proprietário do nosso prezado colega *Diário Popular*, e filho da invicta cidade da Virgem — o Porto — onde estudou preparatórios e desenho. A seguir, dada a manifesta tendência artística, a instâncias de amigos, foi para a França, completar o curso de pintura, e, por lá viveu, depois de laureado, o tempo melhor da mocidade, em alegre e descuidada existência.

Foi nesse ambiente, requintadamente artístico, que ele procurou firmar a sua mentalidade, podendo, por isso, conservar através dos anos, as visões culturais dos grandes mestres. Também nesse desprendimento, e como que impriedência juvenil, acamaradou com as mais insignes individualidades, quer patricias, quer estrangeiras, que depois, pela vida adiante, haviam de focar, de maneira tão característica, o vigor de sua actividade intelectual.

Era o tempo de uma pretensa renovação nas letras, nas ciências e na política, e, diga-se, em abono da verdade, estes idealistas de então, viram a realização de seus sonhos na concretização da doutrina que tão galhardamente pregavam.

Fazendo uma excursão ao Brasil, em 1893, fixou-se em S. Paulo, onde casou com a sr.^a D. Mariana Castro Lisboa, distinta dama paulista, prezada filha do velho e operoso jornalista, também patricio, sr. José Maria Lisboa, fundador e director do *Diário Popular*, importante e conceituado órgão da imprensa brasileira.

Assim mesmo, casado, já com um filho, (hoje o dr. Rodrigo Soares Junior,

destacado e inteligente ornamento da imprensa paulistana), regressa a Paris, deixando-se a ficar, para estudar, seguir os mestres e aproveitar o tempo na factura de encomendas várias. Com o falecimento de seu venerando sogro, retorna ao Brasil, para prestar a sua dedicada e prestimosa actuação à parte comercial da prospera empresa jornalística, de que é, hoje, um dos directores. Quer dizer, que com a actividade desviada para o campo comercial, a sua obra artística, sofreu fundo colapso; mas, não o impediu de todo, de fixar na tela alguns pedaços flagrantes dos lindos rincões da sua terra, a saudosa terra portuguesa, além de outros assuntos puramente paulistas.

E estas linhas, são-nos sugeridas, por causa do quadro, que vai enriquecer o património do Museu Pedagógico, Bibliográfico e Artístico de João de Deus, à Estrela, por ele pintado, e em cuja tela, além do delicado autor da *Cartilha Maternal*, aparece a effigie do imortal Guerra Junqueiro.

O quadro em apreço é de grande tamanho — 2,20 x 1,80. O poeta João de Deus está explicando a um grupo de ouvintes, tal qual numa cena bíblica, o seu novo processo de ensino. Releuva notar, que o auditório não é composto apenas por crianças, pois entre os que lhe ouvem a palavra vêm-se figuras conhecidas, destacando-se, principalmente, a do mavioso cantor dos *Simplex*, à semelhança do que fizeram outros ilustres artistas, como Miguel Angelo, que nos frescos da Capela Sixtina, imortalizou os retratos de pessoas



conhecidas, ganhando, com isso, a obra, valor e beleza.

É, como se pode apreciar, pela gravura que orna esta página, uma tela cheia de vida e de grande movimento. As figuras são naturais, estão atentas á palavra do apóstolo da pedagogia moderna, mostrando interesse pelas suas explicações. O ambiente é bem composto e as côres dão-lhe realce. O artista, um apaixonado pelo belo e pelas boas causas, admirador do poeta que tanto cantou a beleza, nas suas mais altas finalidades, quiz reviver uma das mais empolgantes e sugestivas passagens da vida do grande poeta João de Deus, aquela em que o seu método, quebrando velhos e rançosos preconceitos de ensino, rasgava para as novas gerações, promissoras auroras de luz. Quiz, disse, mas, podemos afirmar, que realizou vigorosamente, o seu alevantado desejo e nobre pensamento.

Não é só este quadro que se pode destacar do seu valioso espólio artístico; todos quantos o seu pincel iluminou são dignos de apreço. O seu traço é firme, as linhas são precisas e a concepção sempre rica em detalhes. Forte no desenho, coisa rara, hoje em dia, os seus trabalhos têm proporções e obedecem a rigor e precisão. Todos êsses requisitos que integram a obra artística do sr. comendador Rodrigo Soares, são realçados por um colorido agradável dando á sua pintura uma tonalidade de encantos delicadíssimos.

Nesta fase artística, estão os seus quadros de assuntos regionais, portugueses: barcos, mulheres, embarcações, vendeiras, retratam ao vivo pedaços flagran-

tes da Ribeira do Douro, com as suas cargas e descargas, rapagões e raparigas em alegre soalheiro e taboleiros de frutas, onde as cerejas rubras querem sair dos cabazes.

Parece que a retina do autentico artista, gravou de um modo particular, as côres do casario, que se projecta á margem da Ribeira, com as suas janelas e portadas típicas, de vidraças lisas e onde as fachadas de cada casa têm a sua côr, semelhante um arco-íris. Pois, essas côres, que em conjunto dão uma impressão agradável á vista, pela variedade e vivacidade, iluminam a tela, porque também se reflectem nas águas quietas, em que barcos e tripulantes se agitam. Um tal género de pintura é agora objecto da sua predilecção artística, visto como de tal modo, o pintor, fixa com pujante realismo, pedaços da sua terra e da sua gente.

E, se é certo, que a ausência prolongada, aviva a lembrança da Pátria, isso mesmo, se deduz do intenso carinho que êle devota ás telas regionais, traduzindo a saudade imensa do seu querido Porto. Mas, não são apenas os barcos *rabelo*, carregados de pipas, que nos prendem na sua variada galeria. Outros ha e expressivos, como os quadros da *Boiada*, *Caipira de Cargueiro*, *Carro de lenha*, *Um cavalaria paulista*, todos êles onde se pôde estudar e apreciar a técnica artística do pintor.

Iriamos longe, se quizéssemos fazer uma demorada resenha da sua obra. Não é êsse o intuito destas linhas. Entretanto,

salientaremos um detalhe particular da sua arte, que é a perfeição das figuras, que êle retrata, e isso foi-nos ha pouco confirmado, com a semelhança encontrada no quadro do saudoso lírico João de Deus, pela sr.^a D. Guilhermina de Battaglia Ramos, veneranda viuva do consagrado poeta, e demais pessoas da família.

Houve tempo, mesmo, em que o artista fez grande número de retratos, e ainda hoje, na sua galeria particular, se podem vêr um de Magalhães Lima, outro de José Maria Lisboa, e outro do arcebispo de S. Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva, foi ha pouco oferecido á "Liga das Senhoras Católicas", que o guarda com estimado apreço. Convém dizer, que no Consistório da Igreja do Bonfim, no Porto, se encontra um belo retrato do grande bispo missionário, D. António Barroso, pintado ha anos pelo artista.

É pena, que circunstâncias imprevistas, impedissem o artista de aproveitar, como fôra mistér, todo o seu engenho na elaboração da sua arte. Todavia, os trabalhos firmados, dão de sobra, para que o seu nome subsista como pintor e artista de distinguido mérito.

Como recompensa moral, ao artista comendador Rodrigo Soares, que não só ofereceu a tela como custeou todas as despesas, desde S. Paulo, até á colocação no lugar devido, que as entidades superiores, num alevantado gesto de reconhecimento lhe dêem um diploma de Benemerência, que bem o merece, por tão grande patriotismo e generoso desprendimento.

Norberto Jorge.

"João de Deus ensinando a ler, pelo seu método de leitura, a um grupo de populares"

(Quadro de RODRIGO SOARES)



No Instituto de Altos Estudos

O primitivo teatro português e o teatro da nova Rússia

No Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências, realizou, há dias, duas curiosas conferências sobre o tema «O Primitivo Teatro Português e o Teatro da Nova Rússia», o ilustre académico sr. dr. Sousa Costa. O brilhante escritor falou, na sua primeira lição, do nosso teatro primitivo, dizendo como ele serviu à sementeira da doutrina dos Evangelhos nas almas primárias. Na segunda, mostrou como os monitores russos se serviram do teatro primitivo da Idade Média — e os traços flagrantemente de paralelismo entre esse teatro e o nosso teatro primitivo — para a sementeira dos Evangelhos marxistas na massa inulta do proletariado.

Do seu valioso trabalho vamos aos nossos leitores um interessante trecho:

LENINE é o Comendador dos Crentes — tal qual Robespierre, o Arcanjo do Terror, na Revolução Francesa.

A Rússia comunista, em rebeldia com o mundo cristão, à semelhança do cristianismo, canonisa os seus mártires e os seus oragos, oficialisa os seus símbolos e as suas reliquias, excomunga e relaxa ao santo ofício da Tcheca os seus heréticos e os seus relapsos. E os membros superiores da comunidade estadual, só o podem ser, mediante tantos meses de noviciado — conforme o grau do posto a desempenhar nos quadros civis e militares.

Utilisa e acciona todos os veios de cultura e sugestão — a escola, a conferência, a brochura, o cartaz, a música, o cinema, o teatro. A Orguiz, Edições do Estado reunidas, só em 1931, espalha 800 milhões de brochuras de propaganda. Em Moscovo, Leningrado e Odessa as paredes dos edifícios gritam o nome de Lenine, os dons de Staline no pregão de milhões de cartazes. A Gometz, sociedade illarmónica do Estado, lança música de substância revolucionária do norte a sul da União. O cinema, por conta do Estado, leva a semente comunista ao Oriente e ao Ocidente. Mas no teatro encontrou o Estado o grande instrumento de penetração nos agregados multitudinários, de perturbação no bloco informe das massas, pela incidência dinâmica, directa e imperativa, nos vários quadros e em todas as idades.

Vejamos, porém, antes de mais nada, o que era o teatro na Rússia — pouco antes e logo depois da revolução.

O teatro foi sempre a paixão mór do povo russo, assevera Boris Narnecké, professor da Universidade de Odessa — isto desde a imperatriz Isabel, filha de Pedro, o Grande, sua iniciadora e criadora.

Não precisamos recuar aos primórdios do histrionismo eslavo.

Coloquemo-nos no século XIX, e marquemos-lhe a evolução, a técnica, a tematica, a finalidade dentro do último quartel do Império Czarista, para lhe seguirmos os passos na República Soviética.

No fito de tornar mais clara e mais sintética a exposição, reduzirei a duas, as principais, as suas diretrizes de relevo — embora me refira a outras de interesse subsidiário.

A primeira, *ante* revolução: — obediente à coesão orgânica do teatro com a cultura das elites, faz-se de cima para baixo, das camadas de cultura superior, para as camadas de nível inferior.

A segunda, *post* revolução: — ainda em

obediência ao mesmo princípio orgânico, sentido inverso, de baixo para cima, obrigando a desenvolver até à periferia as ondas concéntricas do vasto círculo vibratório.

Stanislawski, director da cena, de braço dado com o dramaturgo Dantschenko, foram os apóstolos da reforma do teatro russo na última quadra do império. E foram os iniciadores do *Teatro dos Artistas* no parque tranquilo de Tuschkino, em Moscovo.

Os dois artistas, ambos da elite intelectual, a *intelligentia* russa — a vasta organização de escritores, jornalistas, artistas e jovens burgueses que combatiam o absolutismo e laboravam pela procura da democracia — fazer do *Teatro dos Artistas* a escola superior do realismo na arte cénica.

Amigo e admirador de Antoine, conhecendo de perto o *Teatro Livre*, Stanislawski, o Wilhelm-Mester da cena russa — com o lbe chama a escritora Nina Gurinkel — e Dantschenko, o dramaturgo de alto coturno do *Teatro Pequeno*, teatro escola do império, dão à arte dramática moscovita feição renovadora até ali nunca atingida.

Stanislawski impõe à profissão o rito do sacerdotio e a disciplina do culto. Não tolera as relações fáceis e os *flirts* galantes aos da sua comunidade.

«Amor verdadeiro? — preceitua, nos seus mandamentos». Muito bem. Porque este eleva. O amor à flor da pele envolveria os seus colaboradores em nociva atmosfera de banalidade».

Decreta a proscricção do *point*, intruso no proseno. Não quer no palco manequins articulados, eco artificialioso de ideias e sentimentos alheios. Exige pessoas vivas, seres reais, vivendo na realidade e o conflito do drama ou a intriga da comédia.

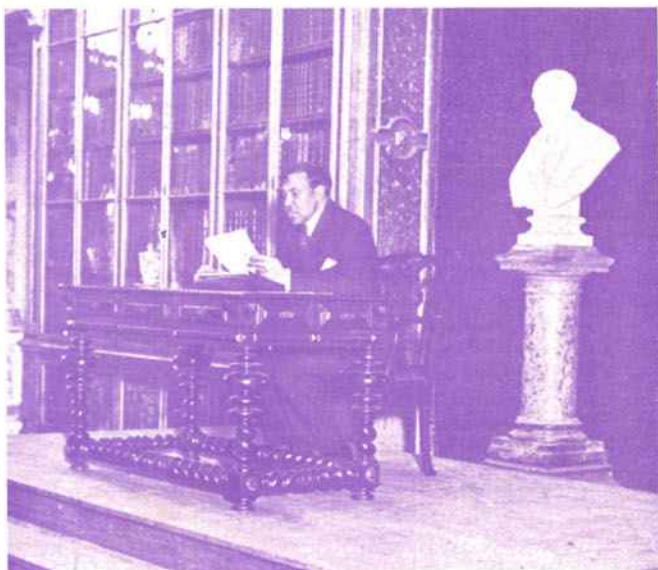
Adopta mesmo por divisa esta maxima cultural: «Concentração de esforços conscientes, de modo a acordar no actor a criação inconsciente — a perfeição».

Parece o postulado de Gustavo Le Bon sobre educação. «Educação — postula o Mestre da *Psicologia das Multidões* — é a passagem do consciente ao inconsciente».

Para representar o *Júlio César*, de Shakespeare, prepara o ambiente da peça convertendo o teatro em Universidade — e destacando a caminho de Itália sábia comissão de arqueólogos, antiquários, escritores, músicos, presidida por Dantschenko, com o encargo de reconstituir a arquitetura, o mobiliário, a musica, os costumes, a fisionomia e o caracter da Roma de Julio Cesar.

Quando representa *Os filhos do Sol*, de Gorki, a cena do motim popular é posta tanto ao vivo, que o público chega a levantar-se na intenção de fugir.

O teatro de Stanislawski em pleno triunfo, parte dos jovens burgueses da *intelligentia*, enriquecidos no commercio e na industria, de liberais e democratas passam a absolutistas e panslavistas. E porque os russos, no comentário de Fulop-Miler, no *Teatro Russo*, só concebem soluções extremas, estes jovens burgueses, pilotados pelo industrial Mamontoff, criam o *teatro*



O sr. dr. Sousa Costa lendo a sua conferência

estilista, a vida olhada através de deslumbrantes coloridos da fantasia.

É Mayerhold, discípulo dilecto de Stanislawski, o director de cena da nova escola. Aos elementos reais da vida, antepõe os elementos simbólicos do irreal — e subordina de tal forma as leis dramáticas aos efeitos pictóricos da cenografia que na peça a *Morte de Tantalos*, os actores tornam-se frescos e baixos relevos a fim de não prejudicarem o ilusionismo da estética cenográfica.

É nesta época que aparecem os famosos *ballets* russos, bailados russos, em que se notabilizam o organisador Djagiloff, em que se internacionalizam bailarinos e bailarinas, como Nigenki e Fokin, Pavlova e Carsánova, cenógrafos como Bakst e Benois, a pantonima bailada, o canone coreográfico sobrepondo-se ao canone dramático.

É a progressão descendente na evolução ao inverso — o simbolismo maravilhoso a proscriver o conflicto emocional emocional dos caracteres.

Por esta era, já no século XX, vem a terreiro o *Livro do Teatro Novo*, espécie de catecismo doutrinario condensando em síntese o criterio de poetas, prosadores pintores e esculptores acerca das directrizes a marcar ao teatro.

Preconisa o regresso ao teatro religioso, aos Mistérios medievais — V. Ex.^{as} sentem o retorno descendente às formas do primitivo histrionismo. Porque, acrescenta, ao teatro de essência burguesa, é necessário opôr o teatro de culto, popular, comunal, de acção directa nas massas.

Isto passa-se a três anos decorridos sobre a Revolução de 1905, a voz da *Cidade Capitalista* afogada em sangue. Estamos portanto a nove anos da Revolução de 1917 — que à sua voz ha-de afogar em sangue a *Cidade Capitalista*. Encontramo-nos, por isso, em face da crise de sentimento que alvoroçou certas intelligências e certas sensibilidades nas vespersas da Revolução Francesa — crise geradora duma filosofia místico-espiritual de perturbante contraste com a filosofia laico materialista que açulou os impulsos do dragão revolucionário.

Estes espiritos de aguda receptividade, precedendo e procurando disciplinar a torrente que se avizinha, com as suas profundas transformações e diferenciações sociais, lembram-me as aves marinhas, a recolher à calma dos estuários interiores ao presentirem no longe o temporal violento de chuvas e tufões.

E assim, o fermento do teatro comunista entra a levedar no cerne da sociedade burguesa — com a *intelligentia* ao leme da barca salva-vidas.

Regressa-se de facto ao género de teatro, meio místico, meio profano, que os iniciados baptizam de sintético, em que os personagens se convertem em fonógrafos de sobrias falas e tunâmbulos de gestos geométricos.

DO NOVO LIVRO DE JULIO DANTAS

transcrevemos o capítulo intitulado

“As idéas de madame Ágata,,

QUANDO acabámos de jantar, a mulher do meu amigo Cisneiros quis fazer-me a surpresa de me levar ao seu *studio*. Foi, com efeito, uma surpresa para mim, porque eu ignorava inteiramente que a encantadora madame Ágata trabalhasse, a não ser nas suas ocupações de dona de casa. O elevador conduziu-nos ao terceiro andar da opulenta residência do meu amigo, e eu encontrei-me numa vasta quadra adaptada a manufatura doméstica de tapetes, onde, no meio de talagarças grosseiras e de finas lãs coloridas, se viam, guarnecendo as paredes, alguns belos panos do tipo de Arraiolos e, entre êles, um de desenho persa, branco e azul, que era uma maravilha. Aqui um móvel de D. João V, além umas flores, davam a essa oficina, em que se notava o desalinho de um dia de trabalho, um ar de despreocupada elegância.

— Mas, minha querida Ágata, eu estava longe de supôr que se entretinha com estas coisas!

— Se soubesse quantos tapetes eu tenho vendido!

— Para quê, se não precisa?

— Tôdas as mulheres devem trabalhar...

O tom de convicção com que a minha gentil amiga disse estas palavras, confesso que me impressionou. Os seus olhos iluminaram-se; o seu perfil semita, de linhas um pouco duras, pareceu-me mais enérgico do que de costume. Quando descemos, a conversa recaíu, naturalmente, sôbre o problema que Ágata com tanta simplicidade enunciára. A encantadora mulher, apesar do seu ar um pouco másculo e do nervosismo com que habitualmente fumava, acendendo uns cigarros nos outros, nunca me tinha parecido capaz de desenvolver qualquer espécie de actividade, a não ser nos prazeres da vida mundana. O seu *studio* foi para mim uma revelação. Como eu me permitisse — apenas para a ouvir — algumas objecções ligeiras à «obrigação de trabalho» que ela impunha ao seu sexo, Ágata, enquanto o criado nos servia o whisky, esclareceu as suas palavras.

— Entendo que tôda a mulher deve trabalhar — disse ela — porque só poderá ser livre quando fôr economicamente independente.

— Julga então, minha amiga, que a mulher deve fazer concorrência ao homem?

— De modo nenhum. Há tanto trabalho útil próprio do nosso sexo!

— O de ser mãe, por exemplo.

— Isso não é trabalho, é um acidente. Podemos ocupar-nos em indústrias essencialmente femininas, não é verdade?

— Quer, então, que a mulher trabalhe nas fábricas?

— Não. Quero que a mulher trabalhe no lar.

Sem conhecer, talvez, em tôda a sua extensão, a importância do problema, madame Ágata acabava de tocar (como dizem os diplomatas) um dos «pontos nevrálgicos» da questão feminista. A mulher deve trabalhar. Não se compreende a velha tradição árabe da mulher ociosa, engordando voluptuosamente, de pernas cruzadas, para maior glória do seu senhor. Eva deve contribuir, tanto como o homem, para a criação da riqueza; não é justo que continue a ser uma energia desaproveitada, tanto mais quanto é certo que possui notáveis aptidões de trabalho. Simplesmente, tendo a seu cargo os cuidados da família, não pode ser uma transviada do lar. Impõe-se que a sua actividade produtora seja condicionada pela sua situação de esposa e de mãe. E, por conseguinte, não é a evasão para as oficinas que lhe convêm; são as pequenas manufacturas, são as indústrias caseiras, é o labor que se concilia com os deveres da vida doméstica. A gentilíssima Ágata, em cujas palavras, enquanto conversámos, havia a eloquência natural de uma convicção em marcha, não fazia senão reeditar, duma maneira muito sua, o pensamento de madame Henriette Charasson nesse livro admirável que é *Faut-il supprimer le gynécée?* É necessário, sem dú-

Júlio Dantas é um dos maiores nomes das nossas letras. Cada livro que traz a sua assinatura é um êxito seguro de livraria. A sua obra, que é já vasta, acaba de ser enriquecida com mais um volume: "As inimigas do homem". É um punhado de crônicas leves, escritas num estilo límpido e claro, ao mesmo tempo irônico e emotivo. Melhor do que nós, a dedicatória com que o eminente escritor abre o livro, fala da sua intenção:

"A "mãe do homem", flor de ternura e de graça, que perpétuamente governará o Mundo, ofereço estas páginas em que me permito sorrir das "inimigas do homem", feministas revolucionárias, leaders da nova política dos sexos, por quem o Mundo nunca será governado, graças a Deus."

"As inimigas do homem" está merecendo da crítica as mais elogiosas referências. Em tôdas as suas crônicas se definem, em prosa leve e transparente, mas duma observação segura, várias figuras de mulher — desde a diplomata à desportiva — e se fixam a comédia e a tragédia do amor.

Damos aos nossos leitores um dos seus mais interessantes capítulos: "As idéas de madame Ágata", onde u par, dum molde literário inconfundível, se pode observar um dialogo vivo e expressivo de pensamento.



Dr. Julio Dantas

vida, que o gineceu se mantenha; que a mulher permaneça no lar; mas que êsse lar seja para ela, não um lugar de apatia, de frivolidade e de prazer, mas um lugar de trabalho.

— Pois não é verdade, meu amigo, que a mulher, sobretudo a mulher burguesa, precisa de redimir-se de muitos séculos de ociosidade e de contemplação?

Embora, durante a nossa discussão afectuosa, tivesse por vezes feito de cardeal diabo, a verdade é que eu concordo, na generalidade, com as doutrinas da minha ilustre amiga. A mulher, com efeito, deve trabalhar. Perante o conceito económico e social da vida contemporânea, já não se compreende a desigualdade iníqua que faz da mulher um animal de luxo e do homem um animal de trabalho. Têm de produzir os dois, para que lhes assista, aos dois, o direito de dispender. O casamento deve, quanto possível, ser uma associação de dois indivíduos economicamente independentes; aquêles que viva a expensas do outro não tem o direito de aspirar a ser livre. A fórmula preconizada por mademoiselle Suzanne Normand nas *Cinq femmes sur une galère* — «a mulher livre perante o homem e escrava perante si mesma» — é um simples jôgo de palavras, que não corresponde às realidades do problema conjugal. A liberdade da mulher só se entende como consequência da sua emancipação económica. A mulher ociosa e improdutiva é, naturalmente, uma mulher dependente; e a própria função da maternidade ganha em grandeza e em dignidade moral quando deixe de ser uma função remunerada pelo homem. O seu papel especial na família exige a sua permanência no lar? Pois bem: que trabalhe no lar. Não convém suprimir o gineceu? Pois muito bem: converta-se o gineceu num lugar de trabalho.

— Está então de acôrdo com as minhas idéas? — inquiriu, jubilosa, a minha encantadora amiga, acendendo o seu vigésimo terceiro cigarro.

— Acho que as mulheres devem trabalhar como mulheres, e os homens como homens...

Júlio Dantas.

(Do livro *As inimigas do homem*)



General Tamagnini de Abreu



Marechal Gomes da Costa

OS PORTUGUESES DA GRANDE GUERRA

Recorda-se o nome de alguns militares que se bateram valentemente em terras de França, de Africa e no mar

Vai o país comemorar mais uma vez, dentro de poucos dias, a data de 9 de Abril que se não marca uma vitória, assinala pelo menos uma das grandes afirmações da valentia lusa, durante a Grande Guerra.

Com um estoicismo racico, os soldados portugueses, lado a lado com os ingleses, souberam enfrentar nobremente o embate das divisões alemãs, em La Lys, nove vezes numericamente superiores, e constituídas por soldados «frescos» que não tinham mais de duas semanas de trincheiras.

Desta forma, o recuo das forças portuguesas — que se fez depois do das britânicas — e por forma a assegurar o estabelecimento seguro de novas linhas de resistência, marca de facto um titulo de orgulho para o Exército, como o combate naval no mar dos Açores, entre o caça-minas «Augusto Castilho» e um submarino alemão, representa verdadeiramente um motivo de gloria para a Armada Nacional. É que nem só vencendo, se conquistam os louros do agradecimento pátrio.

Mais um aniversario da batalha do Lys vai pois comemorar-se festivamente em todo o país: uma parada militar, flôres na base do monumento aos Mortos, romagem á Batalha, sessões solenes... Mas, um número mais, terá o programa deste ano: viuvas, esposas e filhos dos que se bateram, uns mortos em campanha, outros falecidos mais tarde, e alguns vivos ainda, percorrerão, em grupos, as ruas da cidade, angariando, numa generosa cruzada de solidariedade humana, donativos, tendentes a minorar a situação difficil que atravessam as famílias de muitos heróis da Guerra.

«Ilustração» recorda, a proposito, algumas das figuras da nossa epopéa militar e naval, escolhendo de entre tantos, para esta homenagem singela, alguns dos que a morte levou já, durante a luta ou depois dela:

Tamagnini de Abreu, general de boa escola, homem e militar de principios, figura inconfundivel de chefe, comandante prestigioso que foi do C. E. P.

Gomes da Costa, marechal por distincão, simbolo da bravura e do desprezo pela vida, grande conductor de soldados, comandante também do C. E. P.

Pereira de Eça, tèmpera rija, carácter integro, general e chefe eterno na me-



General Roberto Baptista

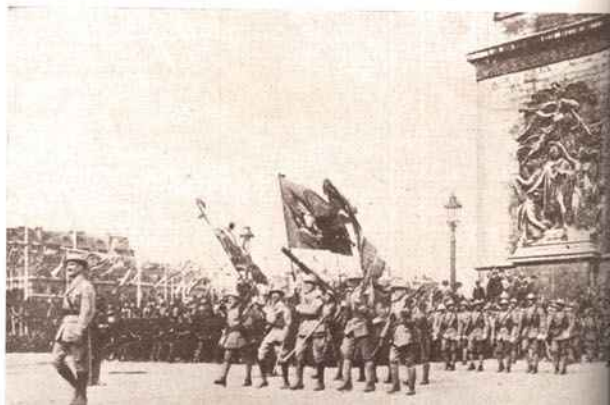


Coronel Ferreira do Amaral



Capitão-aviador Monteiro Tórriz

A representação do exercito português passando sob o Arco de Triunfo, em Paris, na Festa da Vitória, no dia 16 de Julho de 1919



O quadro «Marchando sob um sol ardente», alusivo ás campanhas de Africa, da autoria do tenente-coronel J. J. Ramos



General Pereira de Eça



Comandante Carvalho Araujo

mória de quantos soube comandar nas horas difíceis das rudes campanhas do sul de Angola.

Carvalho Araujo, glorioso abencerrage dos nauticos feitos lusiadas da História, morto em combate no Atlântico, sôbre a ponte do seu navio, frente a frente com um poderoso submarino teutonico.

Roberto Baptista, serenidade firme, exemplo de civismo, militar decidido, competência superior, figura de primeira grandesa no Exército chefe do Estado Maior do C. E. P.

Ferreira do Amaral, soldado lendário das plagas africanas e das neves da Flandres, heroi da nossa história militar, isenção e carácter ao serviço da farda.

Alves Roçadas, fleugma impenetrável, qualidades superiores de orientação, general «a valer» na guerra e na paz.

Oscar Monteiro Torres, padrão glorioso da nossa aeronáutica na guerra, aguia oito vezes vencedora e uma, enfim, vencida. Guynemèr português, pela bravura e pelo saber.

Humberto de Ataíde, sacrificio em holocausto á disciplina e ao cumprimento sagrado do dever. Segundo Silva Porto na terra portuguesa da África.

Sousa Rosa, militar disciplinado e disciplinador, oficial brioso e culto, general de estrélas bem merecidas. Comandante inteligente de tropas na Flandres.

Estes dez nomes simbolizam bem o esforço português na Grande Guerra — em terras da África e da França, nos mares e no ar — esforço que, tocando as raías do sacrificio, nos grangeou uma situação prestigiante da qual ainda hoje estamos a colher merecidos resultados. Que cada português evoque em 9 de Abril, o sangue derramado ao serviço da Pátria, e a peregrinação das senhoras a favor das famílias dos mortos e dos vivos estropiados, seja coroada do mais retumbante êxito material, a par da mais bela manifestação de solidariedade moral!



General Alves Roçadas



Capitão Humberto de Maíde



General Sousa Rosa

A elegância feminina no desporto

A mulher moderna lançou-se no desporto, com o entusiasmo duma criança que obtem enfim a autorização de fazer uma coisa que de há muito deseja e que os pais lhe proibiam de fazer. Antigamente as senhoras não só não faziam desporto como nem sequer faziam exercício. As senhoras dos países de raça latina, porque nos países anglo-saxões e nórdicos, há muitos e muitos anos que a mulher acompanha o homem em todos os desportos. Mas a mulher francesa, italiana, espanhola ou portuguesa, de há cem anos, de há cinquenta, de há trinta anos, não achava elegante, nem senhoril o exercício, do desporto nem falemos, ignorava-o, e, se lhe falassem em que seria elegante uma senhora jogar o tennis, nadar em "maillot", fazer ginástica nas praias e "ski", na montanha, ficaria horrorizada, julgando que quem lhe falasse nisso queria a sua perdição neste mundo e no outro. Uma senhora que se prezasse nem sequer andava a pé misturando-se com a turba-multa, saía no seu caleche ou no seu "coupé", segundo a época. Aguentava uma noite toda a valsar, mas vinte passos a pé sobre as pedras da calçada, deixavam-na esgotada. Hoje tudo mudou. Não há mulher nenhuma que preze a elegância da sua linha, que não faça todos os dias uma caminhada dum hora pelo menos para manter a sua flexibilidade e a sua esbelta "silhouette". E para não ser gorda recorre a todos os desportos e tantos e tão variados tem agora ao seu dispôr.

Segundo a estação, pode fazer "ski", patinar, jogar o "golf", o "tennis", nadar fazer ginástica na praia. Fortificar-se e ser a companheira do homem em todos os seus desportos. Antigamente só a equitação e a patinagem lhe eram permitidos. E nesses mesmos desportos que diferença de indumentária e como a elegância de hoje está longe da de hontem.

Uma amazona doutras épocas montava com uma saia de longa cauda, que quando apeada lhe dificultava qualquer movimento, no chapéu enrolava-se um flutuante véu azul. A amazona de hoje, aquela que é "up to date", não faz no seu traje a mais pequena diferença do rapaz que a acompanha e vistos por trás com a sua "silhouette", um pouco angulosa, não se sabe qual deles é o rapaz. Da patinagem, envolta em peles, saias batidas pelo ar deslocado, regalo para as suas mãos friorentas véusinho colado à cara para segurar o chapélinho, em equilíbrio sobre a cabeça, passámos à apaixonada do "ski". Abafada com o seu comodo "capuchon", de lã, as mãos em regalo cardado.

Muito graciosa a mulher não renuncia á sua elegância neste desporto tão violento e tão pouco feminino. Mas as mais avançadas renunciam a essa mesma elegância e em calções em "niker-boker", com uma "chandaille", e um "cache-col", acendendo a sua "cigarrete", a mulher de longe, confunde-se com o homem. Mas o seu organismo habituado aos desportos de verão, sente a necessidade de se mover de apanhar ar, de estar em comunhão com a natureza e o "ski" foi adaptado com o maior entusiasmo. A mulher não tem medo á neve nem ao frio.

E as mulheres regressam das suas estadas nas estações de inverno, doiradas, queimadas de pele, como até aqui regressavam das praias no fim da época. Ha mesmo no "ski", verdadeiras glorias femininas, como Sonia Henie a graciosa norueguesa, nascida em Oslo campeã do seu país aos onze anos, aos catorze campeã do mundo, retirando-se agora com vinte anos á vida de família depois de ter entusiasmado o mundo com a sua habilidade. Tendo feito "ski", na América e em todos os países da Europa onde esse desporto impera como senhor absoluto. Entre nós fazem-se na Serra da Estrela os primeiros ensaios de "ski".

A embocada rapariga portuguesa doutros tempos vai desaparecendo e hoje a sua mocidade sã e triunfante demonstra que também é capaz como as raparigas dos mais adeantados países de fazer desporto e de ser corajosa e até de renunciar á sua artificial elegancia de mulher latina, muito pregadinha e um pouco dada ao excesso de enfeites. Para fazer "ski", a mulher tem de se masculinizar. Tem de se vestir de homem porque só assim pode andar nos "skis".



Os desportos têm acabado com a mulher que se assustava pela mais pequena coisa e que passava a vida com os nervos em desordem, mas como a mulher há-de ser sempre excessiva em tudo, passou de fazer uma vida de gato de luxo, em almofada de setim, a fazer um uso imoderado de desportos o que faz com que os seus nervos sempre vibráteis se resintam da mesma maneira, e, a diferença é que a mulher em vez de desmaiar ao mais pequeno susto como dantes o fazia, e de viver com o frasco de sais na mão, e a tomar chá de tilia, tenha agora muito tremendas neurastenias, devidas ao excesso de exercício e ao abuso dos desportos, para que não tem resistencia física. Tudo é bom sem excesso.

E temos também de dizer que se a mulher perde um pouco da sua passada, elegância, ganha em força física e em saúde, quando faz desporto, como deve ser feito.

E mesmo nem sei se perderá da sua elegância porque encontrará sempre meio de se tornar "coquette", e graciosa. No "capuchon", de lã e a sua fresca mocidade brilha radiosa e a mulher encontra sempre o meio de ser feminina, ainda que não seja senão nos pequenos detalhes da sua "toilette", sempre escolhida na mira de se tornar mais bela.

Maria de Eça.



MARINHA DE GUERRA

O lançamento à água do novo aviso "Pedro Nunes"

No Arsenal da Marinha realizou-se, há dias, com grande solenidade a cerimónia do lançamento á agua do novo aviso «Pedro Nunes», que se destina ao serviço nas colonias e cuja construção se iniciou quando o sr. almirante Magalhães Correia sobrava a pasta da Marinha.

Assistiram á cerimónia o Chefe do Estado, os ministros do Interior, da Guerra, da Marinha, da Justiça, do Comércio e da Agricultura e altos comandos navais e militares, bem como uma multidão computada em cerca de oito mil pessoas.

O «Pedro Nunes» deslisou pela carreira por entre grandes manifestações, executando, a banda da Armada, o hino nacional.

A bordo do novo barco figurarão duas artísticas placas de bronze, feitas nas oficinas do Arsenal.

Uma delas, tem em cima a esfera armilar com a cruz de Cristo e ao lado a figura de Pedro Nunes em alto relevo junto a uma esfera e ancora, com as seguintes legendas: Doutor Pedro Nunes — Século XVI — Mathematico e cosmografo insigne. Inventou o «Nonio» e estabeleceu a propriedade característica da «Linha do Rumo» hoje a «Luxodirmia»; do outro lado lê-se o seguinte: Trabalho executado nas oficinas da Direcção das Construções Nacionais Navais da Marinha de Guerra, Arsenal de Marinha.

A outra placa tem, de um lado, também, a esfera armilar com a cruz de Cristo e por baixo, á prôa, em alto relevo do aviso «Pedro Nunes»; do outro, o antigo brigue «Pedro Nunes» também em relevo, a um dos cantos a esfera com um triangulo, emblema da construção naval, e por baixo os seguintes dizeres: «O nome de Pedro Nunes na Armada Portuguesa: 1.º Brigue «Pedro Nunes», construido no Arsenal de Lisboa e lançado á agua em 19-VI-1856, desarmou em 17-VIII-1871; 2.º Navio-escola «Pedro Nunes», adquirido em Inglaterra em 1896, desarmou em 25-V-1897, afundado em 13-X-907, numa experiencia de lançamento de torpedos; 3.º Cruzador auxiliar «Pedro Nunes», anteriormente vapor «Malange», alugado para o serviço da Marinha em 1916; desarmou em 4-XI-1921; 4.º Aviso de 2.ª classe «Pedro Nunes» construido no Ar-

Em cima: O pessoal que construiu o «Pedro Nunes»

Em baixo: O novo aviso deslizando na carreira e entrando no Tejo



senal de Lisboa em 5-II-931 e lançado á agua em 17-III-1934».

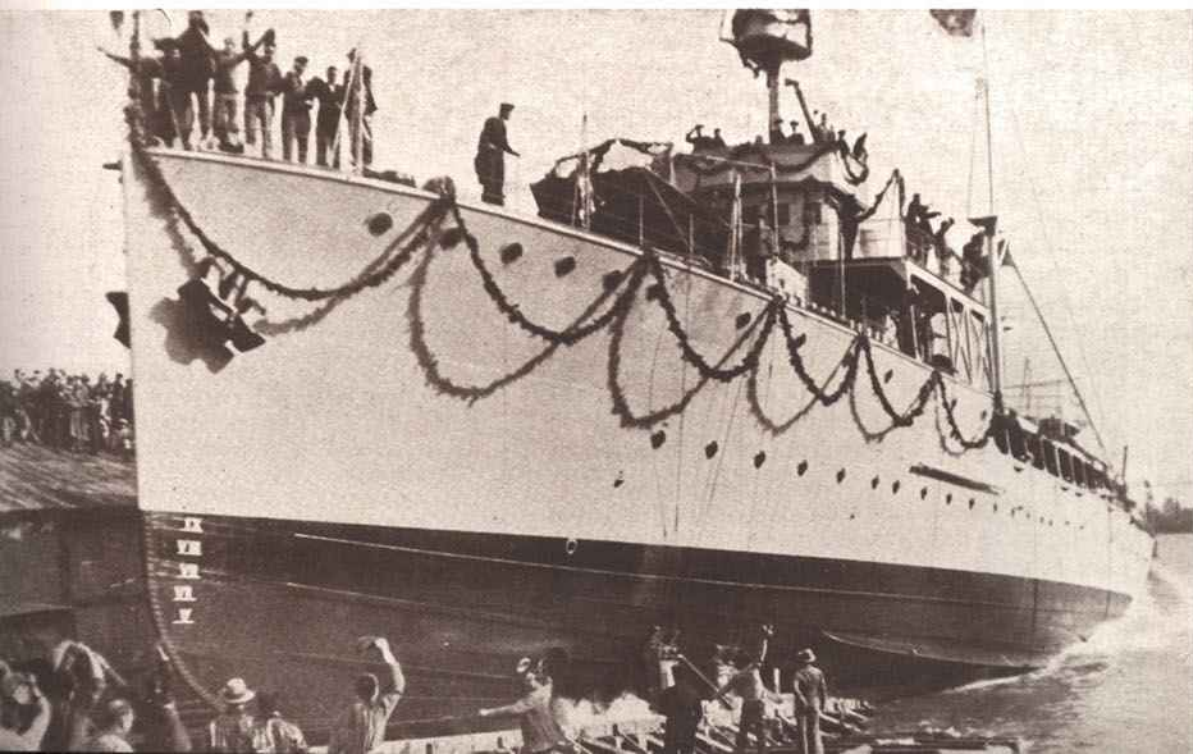
Após o lançamento e depois de ter condecorado alguns operários, o sr. Presidente da República, acompanhado pelos membros do governo dirigiu-se a convite do sr. almirante António da Camara, para o edificio da Intendência, onde esteve admirando as duas placas e o modelo do navio, numa interessante e perfeita miniatura.

No Arsenal, já se encontram os redutos de combate,

que serão colocados no «Pedro Nunes», quando este, brevemente, atracar á ponte, para receber a artilharia, os motores e as máquinas.

O «Pedro Nunes» terá duas peças de 120 mm.; duas anti-aéreas, de 76 mm. e quatro metralhadoras anti-aéreas de 40 mm. Será dotado com instalações para o lançamento de minas, e disporá de dois lança-bombas, de profundidade, contra submarinos.

A duração do novo aviso, está prevista para trinta e cinco anos.



O casamento de D. Duarte e o banquete da Sala das Galés



A 22 de Setembro de

1428, o herdeiro do trono, casa, em Coimbra, com a filha de Fernando, o Honesto, de Aragão. Sobre esse casamento, temos um documento precioso: a carta do Infante D. Henrique, relatando ao pai o sucedido. Por ela parece confirmar-se a sem razão da misantropia precocemente atribuída a D. Duarte. Começa D. Henrique por informar o Rei de que o irmão chegara a Coimbra e habitava os aposentos do estrêmo oposto aos que a Infanta ocupava em Santa Clara, indo vê-la todos os dias duas e três vezes, mas não a tendo ainda sequer beijado. Refere-se às predições cinegéticas de D. Duarte, ao seu gosto por ver dançar e às prendas musicais e dançarinas de D. Leonor: "O Infante, meu Senhor, em ver dançar e cantar, e em qualquer outra coisa que pode filhar de prazer, filha-o de bom talante, e é bem lêdo e bem são, a Deus graças, e louva muito o cantar da Senhora Infante e do seu tanger de manicórdio, e do dançar segundo sua maneira, e assim dizem que bailha. Temos, pois, que, além da sua habilidade para o canto e para a música, a Infanta aragonesa se mostrava ágil no dançar e no bailar, o que equivale a dizer que, além das danças de corte, lhe não eram desconhecidas as danças populares da sua terra.

Depois de contar a chegada dos Infantes D. Pedro e D. Fernando e do Conde de Barcelos, diz que, uma segunda-feira andaram dançando, parece que em casa do primeiro. Na terça, combinou-se a boda para o dia seguinte. A parte do claustro de Santa Clara que a noiva devia atravessar foi "emparedada e estrada com tapetes", até à porta do côro das freiras, armada, esta com um pano rico de brocado carmesim, que cobria o lugar escolhido para as benções. Atravessando a igreja, "o armamento dos panos" esten-

dia-se pela rua e pela escada que servia o côro onde jazia a Rainha Santa, todo colgado, interna e externamente, de panos de Rás e alcatifado com tapetes de dez panos de ancho, que corriam desde o altar à parede, passando por sob o "tambo". Por cima dos tapetes, lançou-se um pano azul de setim aveludado. A cobertura do tambor era de brocado carmesim, bem como o dossel. Do mesmo tecido eram o frontal e sôbreco do altar, onde luziam muitas pratas, umas do mosteiro e outras mandadas pelo Rei, sendo de oiro tecido sem mais lavores o cabeçal para os noivos se ajoelharem. Oficiou o Bispo, com mitra e báculo oferecidos por D. João I. Acompanhado a pé por D. Pedro, D. Fernando, D. Henrique e o Conde de Barcelos, seus irmãos, e por outros muitos fidalgos bem vestidos, D. Duarte veio de sua casa numa capa, vestindo rica opa, com sua esmeralda por fírmal. D. Leonor, envurgando outra riquíssima opa, aguardava na sala do cabido, que D. Pedro e D. Henrique a fôsse buscar para a cerimonia, finda a qual, devido ao pêso da opa e ao calor proveniente da aglomeração de convidados e número de tochas, desmaiou, sendo preciso deitar-lhe água e deixá-la sózinha com as mulheres, tornando D. Duarte para o palácio e a Infanta para o convento, onde comeu.

Ao princípio da noite, foram por ela os citados Infantes, com o Conde de Barcelos, e os demais fidalgos, trazendo-a numa capa russa pomba com guarnimentos de oiro. Alumiam o caminho sessenta escudeiros com tochas, e vinham com a Infanta a condessa de Barcelos, que fôra a madrinha, D. Isabel de Ataíde

e outras damas e donzelas. "E depois que ficou na câmara dançámos, e cantámos um pedaço no paço, e o Infante veioi, e tinha seu estrado e seu pano de estrado, e a sala era tôda emparedada, e foi servido de binho e fruta por nós outros. Não houve, portanto, banquete; apenas uma "consoda", como então se dizia. "O Infante D. Pedro levava o pano, e eu o confeiteiro, e o Infante D. Fernando a fruta, e o conde o binho; e depois que bebeu, despedimo-nos dêle e viemo-nos para nossas casas; e ao acabamento da feitura desta carta, entendo que havia já pedaço que a senhora Infante era cumpridamente vossa filha..."

Na primavera veio D. Leonor para Lisboa, onde se encontravam os embaixadores que o duque de Borgonha mandara a D. João I para ajustarem o casamento da Infanta D. Isabel. Dessa embaixada, que marca a vinda de João

Van-Eyck á península, existe uma interessantíssima Relação, que também nos informa do modo como a mulher de D. Duarte foi recebida.

Saíram a esperá-la fóra da cidade os cunhados. Ao alcançá-la descavalgaram, e, depois de lhe beijarem a mão, acompanharam a pé a futura Rainha, que vinha sentada numa mula, debaixo de um pálio de brocado que a defendia do sol de Maio, cujos ramos adornavam portas e janelas, de onde pendiam colgaduras sôbre a erva verde que amaciava as ruas. Seguiam as pessoas reais muitos cavaleiros, fidalgos, cidadãos, notáveis e mercadores, rodeados, até ao palácio do Infante, por grande número de trombetas e menestres tocadores de órgãos e harpas e outros instrumentos, sem faltarem os mouros e os judeus, com seus trajes próprios cantando e dançando á sua maneira.

Madrugava-se naquele tempo. O casa-

bra-se uma procissão, que leva á Sé, de raios, os estandartes conquistados. Um bando proíbe o corte dos gamões, e o povo comenta-o, cantando.

Referiu-se depois Manuel de Sousa Pinto às festas em Coimbra e no Pôrto antes da aclamação de D. João I. Em Fevereiro de 1387 é o casamento do rei, no Pôrto, com D. Felipa de Lencastr. Há jogos, trebelhos e "matinadas de noite". Numa praça construída entre S. Domingos e a rua do Sítio, realizam-se festas e torneios. Foi sumptuoso o cortejo nupcial. D. João I, coroado, num cavalo branco, e noutro, que o arcebispo de Braga levava de rêdea, a rainha, também de coroa na cabeça. Numerosos tocadores com pipas, trombetas e outros instrumentos, que chegavam a abafar as canções epitalâmicas das donzelas nobres e populares. O banquete, servido de toalha e copa por grandes fidalgos e cavaleiros, á frente dos quais, como mestre-sala, figurava o Condestável. Jograis e saltadores em suas habilidades. Depois a dança de todos os convidados — primeiro serão de corte em Portugal — com uma roda, uma Bailada, cantada á parte pelas damas. A benção do leito pelo arcebispo e mais prelados com tochas nas mãos. Quinze dias de festas em todo o país.

Fez o trabalho histórico do distinto escritor os capitulos que enchem estas duas paginas.



Dois retratos de D. João I

menga. Subindo ao seu lugar, o Rei dava a

direita a D. Isabel,

mento da ciumenta D. Isabel com o procurador do inconstante Filipe, o Bom, realizou-se, em 24 de Julho de 1429, ás sete horas da manhã. A Infanta, porém, só partiu para a Flandres dois meses depois. Por despedida, D. Duarte ofereceu á irmã e ao pai uma festa deslumbrante na Sala das Galés, mandada esvasiar para esse fim.

Nas paredes, ricas tapeçarias, panos de diversas côres toldando o recinto e forrando as colunas, o chão coberto de junco. Ao fundo, sôbre um estrado alto a mesa real, para a qual se subia por vários degraus e travessas de madeira, e que ocupava quási toda a largura da sala, tendo ao centro uma elevação maior, destinada ao Rei, sob um sôbreco de pano de oiro. Em frente, contra um dos pilares, um palanque para os reis de armas e arautos, a que correspondia, no outro estrêmo, junto da entrada, o coreto para os trombeteiros e menestres. Separadas das paredes laterais por compridos bancos, e mais baixas, duas longas mesas perpendiculares á primeira, e outra ao centro, forradas de linho branco e flamejadas por seis aparadores, onde a bailxela de oiro e prata doirada reflectia as luzes do grande luminário de cêra e as tochas, que por toda a parte derramavam claridade.

Pouco antes da hora do festim, dirigiu-se D. Duarte, dos seus paços de a par S. Martinho, para o Castelo, a buscar o pai e a Infanta, que vieram a cavalo, acompanhados pelos Infantes, pelas esposas de D. Duarte, D. Pedro e D. João, com suas donas e donzelas, pelos Condes de Ourem e de Arraiolos, e por muitos cavaleiros e escudeiros, bem como pelos membros da embaixada fla-

"uma das fermosas donzelas do mundo", e a esquerda a outras duas Isabês, mulheres de D. Pedro e D. João. Pour ce qu'elle estoit moult enciente et prochaine d'agesir, a mulher de D. Duarte não se sentou à mesa, mas ocupava uma tribuna à direita. Do mesmo lado, num dos tópos, ficou o chefe dos flamengos, Jean, Seigneur de Roubaix et de Herzelles, e os restantes nas outras mesas com as damas e convidados.

Não deviam ser dos menores encantos dessa noite memorável a beleza e a graça das damas ali reinidas em vistosos trajes de etiqueta. Caprichando no decôro do paço, como o prova a morte de Fernão Afonso, o monarca da galante lenda de Sintra não descurava os predicados físicos da casa feminina de D. Felipa. Fernão Lopes frisou que trazia "gran casa de mulher fermosas.."

O banquete da Sala das Galés foi o mais sumptuoso espectáculo do reinado de D. João I, o primeiro rei, que, na afirmação do Conde da Ericeira, "usou em Portugal comer em público". Empenhado em dar boa impressão aos estrangeiros, D. Duarte organizou uma festa, ou mais exactamente três dias de festa, com brilho, riqueza e gôsto que só veremos excedidos, nesse findar da idade-média, pela opulência e fantasia daquelas em que, na gozadora Flandres, a mesma Princesa portuguesa iria tomar notável parte. O relator da embaixada que a veio buscar não era dos mais propensos ao boquiabrimto; o facto de narrar os festejos de Lisboa com cuidado idêntico ao que pôs na descrição dos da sua terra demonstra o apreço que lhe mereceram.

Manuel de Sousa Pinto.

QUERER É PODER

Guerra à velhice!

As questões de estética preocuparam sempre mais ou menos altos espíritos.

Platão e Sócrates, por exemplo, já na antiguidade, procuravam tirar a limpo o problema da supremacia da beleza física, oscilando a pêndula da justiça entre o homem e a mulher, qualquer que fosse o juiz.

Para uns, o homem era mais belo fisicamente, porque era mais proporcionado do que a mulher.

Para outros, certamente para os galanteadores egoístas só cuidando do prazer dos sentidos, a mulher, com as suas curvas e proeminências, levava a palma ao seu competidor. O que é certo é que o homem, sob o ponto de visto estético, é superior á mulher.

As suas linhas são mais puras e não têm a empastar-lhe a elegância o tecido adiposo, que é o desespero de algumas de nós.

Claro que falo do homem que cultivava a ginástica e pelo *sport* a beleza da forma e que ponho de parte os comodistas que apenas querem da vida o mais fácil — comer e descansar.

Estou daqui a ouvir alguns dizendo que o comer às vezes é o mais difícil, quando não há dinheiro.

Pois sim. Mas é que temos de tomar a acção na sua essência, sem discutirmos as contingências que em volta dela giram.

Assim nunca chegaríamos ao fim deste artigo, se fôssemos a dissecar todas as razões.

A mulher, pela sua função de maternidade, não pode ter a harmonia das linhas do homem.

As suas ancas são mais fortes, a bacia mais larga e as redondezas mais pronunciadas.

Com os exercícios ginásticos pode a mulher atenuar as imperfeições da sua constituição, mas a maior parte das mulheres sofre de preguiça e não quer dar-se ao trabalho de um quarto de hora matinal de cultura física, o que já seria importante para o seu aperfeiçoamento.

Em todo o caso, é justo confessar que a mulher de nossos dias, embora ainda num círculo restrito, já dá mais importância à conservação da mocidade e da beleza do que elas mereciam às nossas avós, cujo fito almejado era envelhecer tranquilamente junto do marido e dos filhos.

Ainda não vai longe o tempo em que os jornais de modas traziam figurinos para todas as idades.

O vestido da filha não convinha à mãe e muito menos à avó.

A mulher, a partir dos trinta, começava a descer a rampa da renúncia.

Desistia das homenagens e do amor e vestia-se e penteava-se de maneira a envelhecer mais ainda.

Atingida a "etape" matrimonial, o mais não contava. Só lhe restava o prazer da maternidade, que em partos sucessivos lhe destruiu a esbelta da figura.

Ser esposa e mãe era o seu único objectivo.

Logo que apanhava um marido, julgava-se feliz e nada fazia para conservar o amor e a admiração do companheiro.

Como não havia ainda a lei do divórcio, era fácil o seu desejo.

O receio do escândalo obrigava o marido desludido a suportar a companhia da esposa desleixada — porque é um desleixo o abandono de nós próprios — e consolava-se com as ligações extra-conjugais.

Agora não digo que os maridos sejam mais fieis do que então, mas na comparação estabelecida, entre a esposa e a conquista eventual, aquela não fica como então em posição inferior e, se o homem não fôsse, por natureza, um animal polígamo, contentar-se-ia, com certeza, com o que tinha em casa e desistiria de aventuras amorosas.

A mulher cuida de si e poupa-se às injúrias da procreação.

Não quero discutir este último ponto sob o seu aspecto moral. Para mim, a maternidade é a mais bela ocupação da mulher. Mas estamos tratando da beleza corporal e não dos dons divinos da alma.

A mulher hoje quer ser jovem acima de todas as aspirações, e sob este critério tudo quanto possa servir para obter o seu



Mistinguette

"desideratum," lhe parece bom. Hoje só é velha quem quer. Com os preceitos vários que aconselho no meu livro *Como se conquista um homem*, e com os múltiplos ingredientes que se apregoam para embelesar, a mulher pode prevenir os estragos do tempo e remediá-los, se fôr preciso.

Depois, há as atitudes e a maneira de trajar. Um sorriso, embora fingido, brincando nuns lábios carminados e um porte gracioso dão juventude.

Deixemos as locubrações intelectuais e os cuidados comesinhos da vida para quando estivermos sósinhas.

E, se dentro de nós a mocidade persiste, deixemo-la assomar francamente aos nossos olhos, sem fazer caso dos anos que passam.

Tratemos de vestir com elegância — sem preocupações de idades — os figurinos já irmanam a filha, a mãe e até a avózinha — mas evitemos a moda ridícula do exagêro.

Temos entre nós demonstrações do bom êxito destes processos, mas mais eloquentes são os lá de fora.

Vejam Cécile Sorel, que não envelhece, porque não quer. É verdade que ela tem por onde cortar à vontade os seus moldes de rejuvenescimento.

Foi linda, a ponto de ser prejudicada no principio da sua carreira artística pelos seus dotes de beleza. Ela própria se queixou algures: — "O público olhava mais para mim do que para o meu jôgo cénico".

E Sorel tem uma rival perigosa em Mistinguette, que não está disposta a ceder-lhe um palmo de terreno no caminho do triunfo.

Ambas estão presentemente exibindo-se em revistas — uma "telha" de Celimène que parodia a célebre frase de Júlio Dantas "Isto é descer?", naquela interrogação ao público no fim da escadaria que desce como uma rainha: — "Desce-a bem?".

E, se Cécile Sorel ainda apresenta o mesmo altivo e belo perfil de outros tempos, Mistinguette mostra ainda as pernas mais nervosas e ágeis que saltitam nos tablados de Paris.

A vontade é uma grande força.



Cécile Sorel.

A VIRGEM

DOS

DESAMPARADOS

Sevilha, 21 de outubro de 1932

— Na aldeia de Marchena uns desconhecidos lançaram fogo à capela do Sagrário, em que se venerava a imagem da Virgem dos Desamparados. O templo ficou completamente destruído.

(Dos jornais).

No sopé duma montanha
De certa aldeia de Espanha
Levantava-se uma ermida,
Humilde como a humildade,
Tão simples como a verdade...
Por isso mesmo esquecida.

Em noite de água e trovões,
Os mendigos e os ladrões
Iam resar à Senhora,
Que lhes concedia abrigo
Naquele cantinho amigo
Até que raiasse a aurora.

Erguida em terra maninha,
Era tão pobre a ermudinha
Que a doce Mãe de Jesus
Não tinha no seu altar
Uma rosa de tocar,
Nem a esmola duma luz!

Desprezadinha, par'cia
Que a Virgem se comprazia
Nessa humilde singeleza:
Sendo a Mãe dos Desgraçados,
Virgem dos Desamparados,
Dava o exemplo da pobreza.

Tinha apenas um colar
Que refulgia ao luar
Deslumbrando quem o via.
Pérolas imaculadas?
Lágrimas cristalizadas?
Ao certo, ninguém sabia.

Os anos foram passando
E, às vezes, de quando em quando,
Vinham procurar perdão
Almas tórvas de bandidos,
De grilhetas evadidos...
Oçamos a Tradição:

Certo dia, um scelerado
Chegára ali, fatigado,
De alma triste e corpo exangue,
E, à luz rubra do sol poente,
O colar lucitemente
Par'cia feito de sangue...

Nos olhos do malfeitor
Um cubiçoso fulgor
Depressa se dissipou...
Ante a Mãe dos Desgraçados,



Virgem dos Desamparados,
O bandoleiro ajoelhou.

É que ainda se lembrava
Dos tempos em que resava
Junto à sua mãe querida,
Santa velha de quem era
Afago de primavera
No triste inverno da vida,

Passaram mil guerrilheiros
Talando povos inteiros
Por vís questões partidárias,
A espalhar destruição,
A morte e a desolação
Como feras sanguinárias.

E, ao verem essa ermudinha,
Tão humilde e pobresinha,
Cercada de matagal,

Recordando a sua infancia,
Foram passando a distancia
E não lhe fizeram mal.

Mas, seguindo a nova ideia,
Passou ali, pela aldeia,
A feroz Revolução;
E lançou fogo à ermudinha,
Por supôr que esta detinha
A marcha á emancipação!

Deixem em paz as ermidas,
Que às almas empedernidas
Marcam as sendas do bem...
São com os lírios dos montes,
Como o murmúrio das fontes...
Não fazem mal a ninguém!

Gomes Monteiro.

(Do livro «As mulheres que amaram Jesus»).



D. Sebastião aos 7 anos
(Gravura de H. Cock.)

... é um mistério o modo por que D. Sebastião acabou, e provavelmente se-lô-há sempre.

A. HERCULANO.

D. Sebastião e o seu projecto de se fazer imperador de Marrocos, não eram tão loucos como a desgraza os fez sentenciar. Loucamente dirigidos, sim.

A. GARRETT.

A cláusula mais recomendada no testamento de el-rei D. João III, era aquela que estipulava a sua esposa, a rainha D. Catarina, o governar o reino, até o herdeiro, seu neto, atingir a maior idade, data prefixa para ela lhe entregar os selos da corôa e as rédeas da governação.

Mal aconselhado por muitos dos cortesãos que o rodeavam, desobedecendo à última vontade de seu avô, e aos insistentes rogos de sua avó — então já sem a regência — D. Sebastião deliberou tomar conta dos negócios do Estado, no próprio dia em que completava as catorze primaveras, idade pouco madura para empunhar um ceptro e suportar o peso duma corôa.

Sabendo dêsse propósito, o seu professor de matemática, Pedro Nunes, cosmógrafo-mór da côrte, foi procurar a Rainha, e por estas palavras lhe revelou uma profecia: "Que suposto que uma das ciências que se compreendiam na matemática, era a astrologia, não applicára a ela a maior parte dos seus estudos, por serem falíveis e incertos os successos que indicava; mas que, obrigado de fidelidade que professava ao seu príncipe, a quem, como discípulo, amava mui ternamente, levantara figura sôbre o dia e hora da sua coroação, e alcançara, conforme a configuração dos astros, ser preciso avisar Sua Alteza, sem lhe revelar a causa, de que se empenhasse por dilatar, ao menos 3 dias, aquela política cerimônia, afirmando-lhe que, se El-Rei tomasse

a regência da monarquia no dia que estava destinado, seria o seu reinado infeliz e pouco durável, e posto que os prognósticos não fôsse infalíveis, e a vida dos soberanos, como a estabilidade dos impérios, estivesse colocada nas mãos de Deus, contudo devia respeitar-se as causas segundas, como mudos intérpretes da sua divina vontade."

A estas revelações respondeu a Rainha: "que muito agradecia ao mestre o have-la informado dêsse preságio, mas, por certas razões que êle bem conhecia, se escusava de participar êsse aviso dos astros, pois estando tudo já preparado para êsse dia, se tal fizesse, entrariam El-Rei, seu neto, e o Cardeal, seu cunhado, em suspei-tas, sem que ela os pudesse esquivar, por lhe recomendar segrêdo na origem do mistério; julgando, portanto, melhor, encomendar tudo ao arbitrio de Deus, — ao que Pedro Nunes retorquiu: "que certamente, como previa, seriam inevitáveis as infelices do Reino, das quais Sua Alteza seria testemunha, posto que não seria a última em que havia de constar a maior e mais deplorável desgraça."

Assim, não se havendo revelado êste segrêdo dos dois, a 20 de Janeiro de 1568, dia em que a Igreja festejava o seu homônimo S. Sebastião — nesse ano calhado a uma aziada terça-feira — se realizou o anunciado coroação, por esta maneira relatada em documento antigo: "— Para êste fim se levantou junto do Palácio dos Estâns, uma grande sala que se dilatava até ao Convento de S. Domingos, a qual se armou de preciosas tapeçarias; e para que o povo satisfizesse os seus desejos, vendo aquele pomposo acto, era descoberta, como varanda, da parte do Rossio.

A horas competentes, saiu El-Rei do Paço do Castelo, e entrando na sala, que estava sumptuosamente ornada para função tão solene, se sentou em uma preciosa cadeira, coroada de um magestoso docel. Ao lado do Rei, sentaram-se a Rainha D. Catarina, sua avó, e a Infanta D. Maria, sua tia, postando-se em pé, no primeiro degrau do trono, o Infante D. Duarte, Duque de Guimarães, com o estoque desembainhado, por desempenhar o officio de Condestável do Reino; do lado direito, o Cardeal D. Henrique, seguido do Duque de Bragança, D. João, do Marquês de Tórres Novas, dos Condes de Vimioso, Odemira, Portalegre e Vidigueira; do lado esquerdo, as damas da Rainha e da Infanta, e, mais distantes, os Vereadores da Câmara de Lisboa, e outros muitos fidalgos e pessoas principais do Reino, que, com a variedade das galas, faziam mais plausível êste acto...

... Antes de se proceder a alguma acção, saiu do logar onde estava o Cardeal D. Henrique, e fazendo uma profunda vénia a El-Rei, lhe fez um breve discurso, no qual mostrava a seu sobrinho, o cuidado com que, na sua menor idade depois de sua avó, administrara o Reino, e logo que êste acabou, entre-

UM SONHO

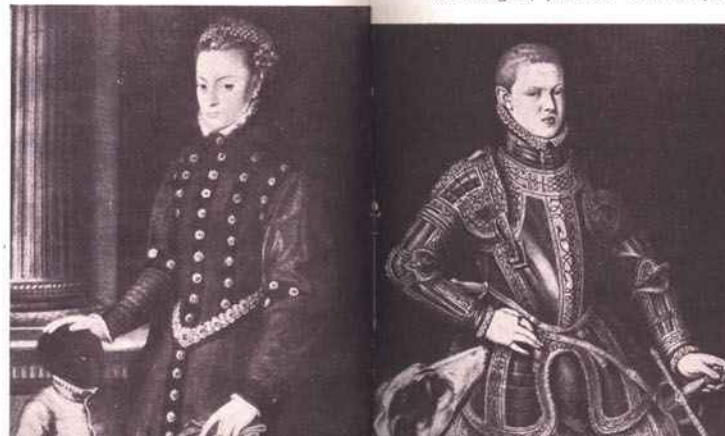
O prólogo da batalha de

gando-lhe Martim Afonso de Miranda, seu Camareiro-Mór, o selo grande das armas Reis, prostrando-se de joelhos, o depôs nas mãos de El-Rei que, a seguir, assim lhe agradeceu: "Tenho-vos em mercê o trabalho que levaste em governar ultimamente estes Reinos, e o cuidado que disso fizes, de que sempre terei a lembrança, que é a razão. Eu recebo o governo, e espero em Nosso Senhor, que com a mercê que me a Rainha minha Senhora e Avó, quiz fazer de me ajudar, e com a que me vós dareis, governe estes Reinos como convém a bem deles e á minha obrigação..."

... Ouvida esta resposta, o Cardeal beijou a mão a seu sobrinho, pelo singular affecto com que, na presença de tão illustre concurso, lhe louvára o desvelo exercitado em beneficio da Pátria; e, acabado o beija-mão pelos circunstantes, se levantou El-Rei, e acompanhado da apparatus comitiva, se foi ao Convento de S. Domingos, onde rendeu as graças ao Supremo Arbitro dos Imperios, por êste ter concedido a fortuna de governar o Reino."

Os anos correram, e os fados cumpriram-se!...

Lisongeado o seu génio belicôco, com a lição das victórias de seus predecessores, alcançadas em Africa, e tambem, pelos retumbantes triunfos conseguidos em Gôa, Chaul, Chale, e Malaca, pelos seus capitães D. Luiz de Ataide, D. Francisco Mascarenhas e D. Tristão Vaz da Veiga, que, por tal maneira derrotaram o Indalção, o Niz, o Dacheim, e o Samorim, que jámais estes quatro potentados sentiram forças de atentar contra a soberania portuguesa na Índia, deliberou passar á Africa, para outra vez reduzir á



Primeira D. Juana, mãe de D. Sebastião
(Quadro de Sanchez Coelho)

DESFEITO...

histórico Alcácer-Quibir

obediência do nosso domínio, as Praças de Arzila, Azamôr, Cacim, Alcacer, que a generosidade de D. João III, tinha feito perder; e, antes que se iniciasse uma tão formidável empreza, determinou se benesse o estandarte que deveria acompanhar seu primo D. António, Prior do Crato, a quem acabára de nomear Governador de Tanger, assistindo êle, com tôda a côrte, a êsse sagrado acto, realisado no Real Convento de Santa Maria, dos monges Jeronimos, em Belem.

Foi nessa magna solenidade que, subindo ao púlpito, o notável orador sagrado D. António Pinheiro, Bispo de Miranda, pronunciou, além de muitas elegantes frases, êste fluente período:

— "Nos feitos esforçados de armas, que apontei a Vossa Magestade, sinto que tenho pouco que vos lembrar, porque todos vos são presentes os merecimentos que tendes, próprios ou herdados, adquiridos por vossa lança ou ganhos de vossos Maiores.

Testemunhas são, de ambas as cousas, as Casas, Vilas e Morgados, que herdastes ou adquiristes; os Habitos, Tenças, Reguengos e Jurisdições, Honras e Titulos, testificam vossos merecimentos, e de vossos Antepassados. Quem tantas obrigações tem de seus Maiores, e tantos por si alcançou, bem se pode crêr dêle, que terá por melhor sorte, pôr em perigo a vida, que em risco, a honra; os sítios que em Africa vereis, as tranquilas, valos, campos, aldeias e logares, até ás portas de Fêz e de Marrocos, que, de nossas armas já fôram assombrados, vos farão lembrança de vossos Antepassados que, nestes logares, ou venceram com muita gloria, ou morreram com muita honra."

Para occultar á sua desvelada avó, o seu desígnio, partiu D. Sebastião para

Sintra, com o pretexto de passar os ardôres do estio, nessa fresca e amena estância, onde assistiu até que se acabou de fabricar, no Terreiro do Paço, uma grande galé real, na qual, depois de se lançar bando, ao toque de pífaros e caixas de rufo, para que todo aquele que se quizesse alistar nos terços expedicionários, como infante ou homem de cavallo, o fizesse sem delongas, se foi, e mais a sua gente de armas, para a costa de Africa, tendo chegado ao porto de salvamento da Praça de Ceuta, onde foi recebido festivamente, pelo senado, clero e povo.

Informado o poderoso Xerife Moley-Mahamet, de ter chegado a essa importante cidade, o agressivo Rei português, decerto — julgou êle — com o firmado intento de lhe declarar guerra, escreveu-lhe a seguinte carta:

— "Cide Ali Senhor dos Senhores

da Monarchia, e Imperio da Africa, e de todos os seus habitantes. Montes Claros, e de todos os sete Reinos; a ti, Rei de Portugal, saúde quanto Alah pôe sua potencia de sua morada te conserve. Foi-me dito que o animo e esôrço de teu real e generoso espirito tens surprehendido de vir ver as nossas terras, para dardes testemunho de nosso Estado, e para que fiquemos mais divulgadas e conhecidas das gentes, muito te agradecemos tão nobre intento; em tudo o que dêle, e de nós te cumprir, ou fôr necessário, e de nossos Reinos acharás tudo, como á tua Real Pessoa convêm; mas se o teu intento é outro, acharás nossas gentes sempre em campo, para que te façam conhecer suas forças, em dano de teu temerário atrevimento —"

Caso algum fez o nosso Rei, desta missiva, pois que continuou, despreocupadamente em Ceuta, occupado no alegre divertimento da caça, como se estivesse nas coutadas do seu reguengo de Almeirim.

Não podendo mostrar ahi, a sua ouzadia de batalhador, se resolveu a ir até Tanger, em cujo sitio deu largas ao seu reconhecido animo, pois a His-



D. Sebastião aos 17 anos
(Quadro de Cristovão de Morais)

toria relata-nos este episodio cheio de galhardia:

— "Querendo o industrioso Xerife certificar-se do exercito com que o Rei lusitano tinha passado á Africa, mandou, sahir ao campo um grande corpo de cavalaria comandada pelo Vice-Rei de Marquinês, cujo valor estava demonstrado em varias batalhas; e desejando D. Sebastião examinar, com seus proprios olhos, o numero de agarenos, subiu á mais alta atalaya da Praça, vendo, então, que êles cobriam a maior parte do campo. Impellido dos seus marciais espiritos, sahiu com toda a sua gente, d'aquelle reducto, e mandando D. Francisco de Castelo Branco empunhar o guião real, atirou-se, energeticamente, aos esquadões mouros; e, encorajados os nossos, pela bravura do seu Rei, taes feitos cometeram que, em muito pouco tempo, essa briga terminou com o triumpho das armas portuguezas —"

E, quem sabe, se a esta atrevida façanha, se ficou devendo a loucura de Alcácer-Quibir, que, por um rôr de anos, escrivou, a extranhos, o nosso tão amado Portugal!

E. Raposo Botelho.

D. Sebastião quando partiu para Alcácer-Quibir
(Quadro de Cristovão de Morais)



«Cristo descendo da cruz»
(Quadro de Beneditto
Christandayor)

os dois expoentes
mais belos que
pode ter a paixão:
amor e sacrifício.

O amor que não
hesita em dar tudo,
a liberdade, o san-
gue, a vida; o sa-
crifício voluntário
oferecendo-se ao
martírio pelo bem
daqueles que esse
amor escolheu. A
generosidade e
abnegação total.

Jesus, naquela
noite, tinha reuni-
do os discípulos
para a última ceia.

No seu rosto
havia uma tristeza
resplandecente. À
volta da mesa, nos

homens rudes que o cercavam, achava-se
resumida a humanidade, com as suas
fraquezas, com as suas meditações e
temores, com os seus crimes, com as
suas virtudes. A parte Judas, o traidor,
todos eram sinceros, dedicados, bons...
Mas no Calvário só João aparece, na en-
ternecida missão de amparar a Mãe do
Mestre.

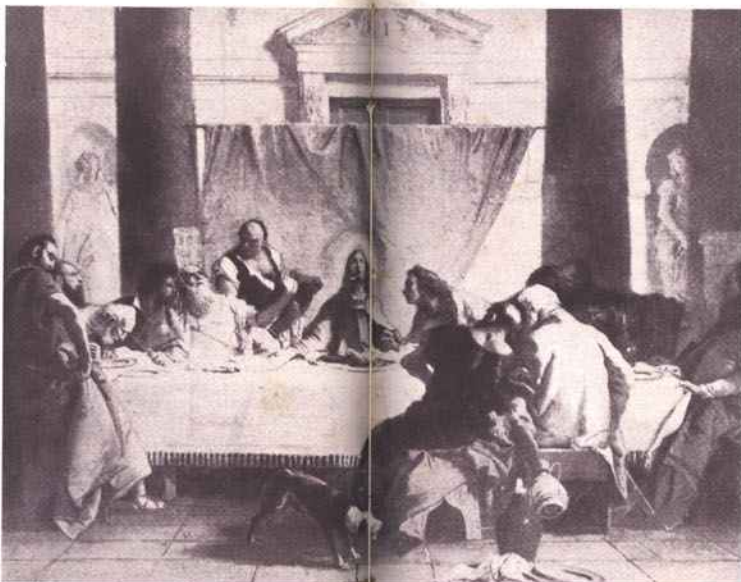
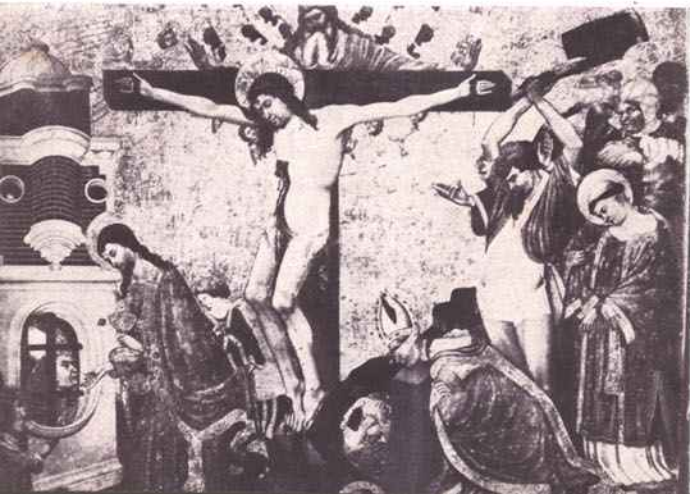
O próprio Jesus o disse: ferido o pas-
tor, o rebanho dispersa-se.

E a tragédia da Paixão principiou
pelo abandono... Jesus vai só entre a
escolta brutal que o prendeu, descendo
o monte das Oliveiras, lugar preferido
das suas meditações.

PAIXÃO é uma palavra que tem diver-
sos sentidos, cujo significado pode
enobrecer ou amesquinhar. Quasi
nunca, porém, damos à palavra o sentido
que ela tem quando trata da «Paixão de
Cristo» isto é: o sofrimento que inclui
sacrifício, ternura, inocência, injustiça e
magastade.

As paixões, sejam nobres ou vis, exi-
gem sempre sofrimento, inquietação,
ansiedade, pois quando um sentimento
perde o equilíbrio, e nos arrasta nas tre-
vas ou no deslumbramento é inevitável
que se sofra e que se expie, como réu
ou como vítima.

Na «Paixão de Cristo» encontram-se



A Paixão de Cristo

Vai só, sem um olhar amigo que procure o seu,
sem uma voz que lhe diga:

— Eu estou aqui, para sofrer e morrer contigo!...

Na vida não é o abandono dos máus, dos in-
imigos, dos adversários, que fere e dói — é o dos
amigos, daqueles que partilharam das nossas ale-
grias, que possuem o nosso afecto, que conhe-
cem o nosso coração...
Jesus vai só e silencioso, naquela mesma sol-
idão em que o deixaram os que não puderam
velar uma hora com Ele, e naquele mesmo silen-
cio com que depois acolhe as acusações que lhe
fazem.

O corpo esbelto envolto no manto, os cabelos
agitados pelo vento, o rosto pálido iluminado
pelo clarão dos archotes, caminha sereno, ace-
tando o sacrifício, já dentro da Paixão começada
no Horto, quando o espírito dominou a matéria.

A Paixão!... Como esta palavra, maculada às
vezes por infimos sentimentos humanos, se eleva
e se purifica, ampla e sublimada!

O pensamento e o coração palpítam
no mesmo ritmo...

Corpo e alma estão
de acôrdo, devotados
no amor supremo...

«Cristo na cruz»
(Quadro da Escola
Francesca)

«Cristo
chorando»
(Quadro de Tiepido)

«Cristo chorando»
(Quadro de Van
Dyck)

O sentimento e a idéa abrem as azas esplên-
didas abarcando céu e terra!...

Os discípulos fugiram, desorientados por aquela
ordem do Mestre, recusando-se a violenta defeza
de Pedro e aceitando submisso a prisão.

O pescador segue-o de longe. A sua alma impetu-
tosa e simples não compreende ainda, e só duas
coisas lhe aparecem lógicas: defender-se ou fugir.

E antes que o galo cante três vezes nega o Mestre.
Depois da tormentosa noite do julgamento, —
que tantas réplicas tem tido pelos séculos fóra, no
falível ou iníquo juízo dos homens, — depois de
flagelado e escarnecido — Jesus sóbe ao Calvário.
Quando fraqueja e cá, é um estranho, — como
quasi sempre sucede no calvário da vida — quem
o ajuda a levar a cruz; é uma mulher desconhe-
cida que lhe enxuga o suor e o sangue do rosto.

Já crucificado — para que sofra ainda mais —
os seus olhos encontram a face angustiada da
Mãe-Dolorosa, mas só quando a morte o liberta
do martírio o seu corpo ensanguentado pode re-
pousar no tépido ninho dos braços maternos.

E ali, no alto do Golgota, a Paixão multipli-
ca-se, enquanto o céu escurece, atemorizando as
almas e Jesus mur-
mura um instante de
tortura incomfortavel:

— Meu Deus!
meu Deus! porque
me abandonaste?

A Paixão multi-
plica-se no cora-
ção da Mãe, que vê
agonisar o Filho,
e sente que não há
dôr igual à sua
dôr...; multipli-
ca-se no coração
da Madalena, que
chora aos pés da
cruz Aquele que a
redimiu e salvou;
multiplica-se no
coração do disci-
pulo amado, o mais
moço dos compa-
nheiros de Cristo,
o único cuja pre-
sença é assinala-
da no Calvário.

E a Paixão multi-
plica-se e tras-
borda, como maré alta, de coração para
coração...

Tôdas as primaveras quando a natu-
reza ressurge e floresce, quando as ar-
vores se vestem de folhas novas, a Pai-
xão celebra-se e recorda-se simbólica-
mente, renovando o seu eterno ensina-
mento, de que a humanidade está sempre
carecida.

O olhar do operario Nazareno abrange
o mundo na sua divina chama...

Em verdade a sua Paixão, não dura
apenas as horas que decorrem entre a
Ceia e o suplicio da Cruz — dura
tôda a sua vida. É ela que lhe dirige

os pés magoados pelos ásperos cami-
nhos, é ela que abraza o coração de
inefável ternura, é ela que lhe põe na
voz aquela doçura e aquele domínio
irresistíveis, é ela que antes de abri-
-lhe os braços no lenho do condenado
lh'os abre para tôdos os que
sofrem...

A Paixão não é apenas sofrimento é
o amor ardente que dita as palavras ma-
gníficas do Sermão da Montanha... É a
caridade infinita atendendo a tôdos, defi-
nindo os preceitos que constituem, ainda
hoje a mais bela, a mais perfeita das
legislações.

Maria de Carvalho.



Quem foi a última comendadeira da Ordem de Sant'Iago da Espada do Mosteiro de Santos-o-Novo.

Foi na margem do Tejo, onde actualmente existe a igreja de Santos-o-Velho, que se instalou, desde o tempo de Afonso Henriques, um albergue em que se acolhiam as esposas e as filhas dos nobres cavaleiros da Ordem de Santiago, criada pelo rei de Espanha em 1070 e a mais antiga de todas as ordens militares, quando estes eram obrigados a ir combater os infieis.

Permaneceu esse albergue 278 anos em Santos-o-Velho, e em 1490 passou para o actual edifício de Santos-o-Novo e ali, então, teve constituição regular de ordem monástica, podendo contudo as *professas* contrair matrimónio, quando as casas que representavam só por elas tivessem sucessão.

É das mais antigas e nobres instituições a das Comendadeiras de Santiago da Espada, em cujo mosteiro se abrigaram sempre, em casas independentes e regidas por elas próprias, muitas senhoras da flôr da nobreza de Portugal, que, ou por falta de recursos, ou por ausência de varões de sua família, ali encontraram, fóra das exigências da sociedade em que nasceram, meios de vida recolhida e honesta.

Nêste mosteiro existe uma Confraria de N. S. Jesus Cristo e Passos, fundado em 26 de Março de 1705, que conta entre as suas irmãs, desde longos anos, as damas mais ilustres da sociedade portuguesa. Tem esta confraria, por compromisso, solenisar na penúltima sexta-feira de cada quaresma, uma procissão da imagem do Salvador no caminho do Calvário, em que devem comparecer todas as irmãs.

A provedora da irmandade é, em cada

ano, a irmã que foi a última a contrair matrimónio.

Publicamos nesta página o retrato da sr.^a D. Maria Alexandrina de Portugal da Silveira de Barros e Vasconcelos, marquesa de São Paio, que foi nomeada vigária do Mosteiro de Santos-o-Novo, a 10 de Agosto de 1893. Superiora a 19 de Agosto de 1896 e Comendadeira, por decreto de 30 de Junho de 1897.

Nasceu em Setubal a 19 de Abril de 1819 e faleceu a 17 de Setembro de 1903. Casou, em 1858, com o marquês de São Paio e logo depois do falecimento de seu marido, a 18 de Fevereiro de 1876, entrou para o Mosteiro de Santos-o-Novo.

A marquesa de São Paio era filha do primeiro matrimónio de D. Maria do Ó de Portugal da Silveira Corrêa de Lacerda, da casa dos marqueses de Valença e das Minas, e de José Augusto Maria Soares de Faria de Barros e Vasconcelos, aparentado com os marqueses de Castelo-Melhor, filho do erudito escritor José Joaquim Soares de Barros e sobrinho direito e herdeiro do célebre pintor José António Benedicto Soares da Gama de Faria e Barros conhecido pelo "Barros de Setubal".



Marquesa de São Paio

Teve a marquesa de São Paio vários irmãos, entre êles João José Soares de Portugal de Barros e Vasconcelos, herdeiro do morgado de seu pai, que casou com D. Carlota Emília Barreiros Arrobas e teve uma única filha, que faleceu sem descendência, que casou em primeiras núpcias com D. Luiz Ximenes, filho do general visconde de Pinheiro, e em segundas com Bernardino de Faria Gentil.

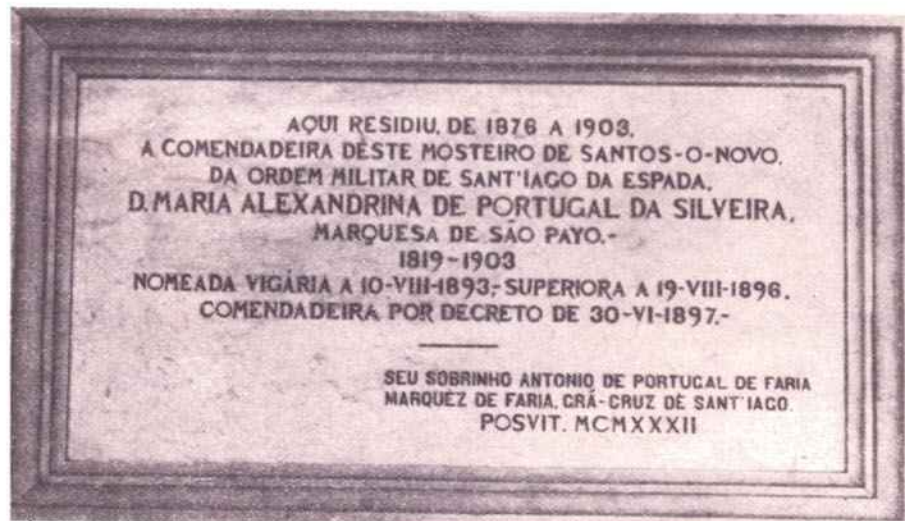
Outro irmão da marquesa de São Paio foi o valente coronel de cavalaria do exército do continente, Quilherme Frederico de Portugal da Silveira Barros e Vasconcelos, falecido heroicamente a 5 de Agosto de 1868, sendo Comandante Geral do Corpo de Operações, na batalha contra o famoso Bonga, sargento-mór de Massangano, que casou com D. Maria do Carmo Barreiros Arrobas.

Tiveram uma única filha, D. Maria do Ó de Portugal da Silveira, (6-8-1844 — 22-7-1924), que casou com o visconde de Faria.

Dêsse casamento existem actualmente os seguintes filhos: marquês de Faria, duquesa de Armstrong, condessa de Gonçalves Pereira, viscondessa de Silvares e condessa de Portugal de Faria.

São estes os únicos representantes em linha recta da ilustríssima família do célebre fidalgo Morgado de Setubal a que pertenceu a nobre marquesa de São Paio.

Reproduzimos também a lápide que o sr. marquês de Faria mandou colocar sobre a fachada da casa do Mosteiro de Santos, onde residiu e faleceu sua tia, a marquesa de São Paio.



Belmonte volta...



O célebre «diestro» espanhol, Belmonte, que há anos se encontra afastado, volta na próxima época taurina a trabalhar. Os jornais do país vizinho têm feito larga reportagem sobre o regresso do famoso revolucionador do toureiro.

Morte dum príncipe



O príncipe Sixto de Bourbon e Parma que faleceu, há dias, em Paris, era irmão da ex-imperatriz Zita e filho da duquesa de Parma. Tinha quarenta e oito anos e entrou, ao lado da Itália, na Grande Guerra. Vitimou-o uma septicemia. Recentemente tinha feito uma larga viagem pelo norte de Africa.

Uma profanação



Mãos anónimas deitaram fogo ao montão de corôas e de flores que estavam no túmulo de Francisco Maciá, primeiro presidente da «Generalidad» da Catalunha. A policia de Barcelona, que tomou conta do atentado, ainda não conseguiu descobrir os criminosos.

PELO MUNDO FÓRA

O ex-Kronprinz aderiu ao «nazismo»



O filho mais velho do ex-Kaiser, aderiu abertamente ao partido de Hitler. A nossa gravura mostra-nos o ex-Kronprinz, já fardado de oficial das forças de assalto, do partido nacional-socialista, tendo ao lado as figuras mais representativas do nazismo.

A crise teatral em Espanha



REUNIRAM em Madrid, na sede da Sociedade de Autores daquela cidade, delegados dos dramaturgos, dos empregários, dos músicos e de todos os elementos que vivem directamente do teatro, para estudar o problema da gravíssima crise porque está atravessando o teatro espanhol. Tomaram-se algumas resoluções importantes tendentes a remedial-a.

A Roménia e a grande guerra



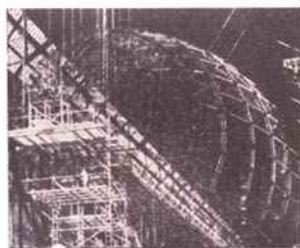
Na cidade de Tormu-Severin (Roménia), no rio Danubio, foi inaugurado, com a assistência do rei Carlos e do príncipe Nicolau, um monumento aos soldados mortos durante a grande guerra. Na cripta estão depositadas as ossadas dos militares que morreram no campo da honra.

... e Gallo também



CHEGOU a Madrid, vindo do México, o famoso espada Rafael «Gallo» — «el divino calvo» — irmão de «Gallito». Era esperado por uma grande multidão e por amigos, a quem declarou, que, na próxima temporada, tencionava tourear.

Novo dirigível alemão



O êxito indiscutível conseguido pelos últimos modelos de aeronaves construídas na Alemanha — especialmente pelo «Graf-Zeppelin» — levou à construção dum novo modelo de dirigível, cujo esqueleto metálico se vê na gravura, ainda no «hangar» de Friedrichafen.

Os incêndios nos aviões



EM França realizaram-se experiências para conseguir a incombuscibilidade do material que se emprega na construção dos aviões, com o que se evitaria a causa principal das catástrofes de aviação.

Homenagem a Clemenceau



A «União Médica Latina», de Paris, comemorou o jubiléu médico póstumo de Clemenceau. O ilustre homem público dedicou-se durante muitos anos à medicina. Os seus trabalhos foram, mesmo, notáveis. Além duma sessão solene na Sorbonne, aquela instituição mandou cunhar uma medalha com a efigie do célebre estadista. Será o prémio para o aluno mais classificado no curso de medicina.



CINEMA

Dorothea Wieck

no filme

“A Canção do Berço”



A rós a sua sensacional revelação no papel de preceptora do filme «Raparigas de Uniforme», Dorothea Wieck interpretou na Europa um outro filme de menor relêvo, chamado «Ana e Iabel», e apressou-se a partir para a América onde a chamava um tentador contrato. Houve quem lamentasse o facto e quem com êle se regozijasse. O certo é que é ainda prematuro fazer considerações sobre as vantagens ou inconvenientes que o ambiente dos estúdios de Hollywood pode vir a exercer sobre a sedutora personalidade dessa artista.

O primeiro filme interpretado por Dorothea Wieck encontra-se já terminado há algumas semanas e está agora sendo exibido no cinema dos Campos Eliseos, em Paris. Trata-se duma comédia baseada na obra prima do dramaturgo espanhol Martinez Sierra que tem o título de «A Canção do berço». Como o leitor talvez se recorde, esta notável peça de teatro é já conhecida do público de Lisboa. Foi representada há alguns anos no teatro Politeama pela companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro.

A acção desta obra comovente e delicada decorre, em grande parte, no interior dum convento de Espanha, com seus claustros e suas austeras salas de estilo gótico. Mitchell Leisen adaptou ao cinema com subtilidade e elegância o tema da bela comédia espanhola. Se alguns erros cometeu foi apenas por desconhecimento da vida íntima dos conventos do Velho Mundo. Certas liberdades que introduziu na acção podem talvez chocar os católicos praticantes. Mas se se abstrair dessa deficiência, fica ainda um admirável filme que é também um enternecedor conto côr de rosa. O entrecho da obra pode resumir-se no seguinte: Uma jovem religiosa, de nome Joana, sente-se possuída da mais elevada fé religiosa. Mas

esse profundo sentimento debate-se no seu espirito contra a obsessão do instinto maternal. Consagra-se, por isso, com todo o fervor à educação duma criança que uma mãe sem recursos confiou aos cuidados das boas freiras. E todo o convento acompanha com carinho os primeiros passos da pequena Teresa, na vida. Mais tarde, o médico do convento, único homem que é autorizado a entrar ali, adopta Teresa. E quando ella, um dia, sai do convento pela mão do seu protector descobre um mundo novo, de cuja existência nem suspeitava. Encontra um jovem engenheiro, chamado António, e apaixonou-se por êle. Um curto idílio a que se segue o pedido de casamento. No dia em que a noticia chega ao convento há lágrimas em muitos olhos. A irmã Joana procura resistir. Sente o desgosto duma mãe a quem roubam um filho e quer defendê-lo. Mas reconhece o que há de egoista na sua attitude, domina a sua dor e refugia-a na oração.

Sobre este tema simples e comovente, Martinez Sierra compôs uma obra admirável que Mitchell Leisen procurou adaptar agora ao cinema, seguindo tão de perto quanto possível o dramaturgo espanhol. Os criticos estrangeiros salientam a excepcional qualidade das imagens que compõem o filme. Não faltam também as cenas tocadas duma suave poesia. Entre outras, aquella em que as freiras confeccionam o vestido de noiva da sua pupila. A interpretação deste filme de género tão invulgar reúne em torno de

Dorothea Wieck, os seguintes artistas: Evelyn Venable, Luise Dresser, Guy Standing e Kent Taylor. Todos êles se desempenham dos seus papéis com profunda simplicidade, formando um belo fundo onde se destaca o trabalho impressionante da notável «estrêla» alemã. Referindo-se a esta, um crítico francês diz que Dorothea Wieck faz mais do que realizar as promessas contidas em «Raparigas de uniforme», por isso que se afirma a mulher mais bela, mais pura e mais suave que tem aparecido no cinema.

É curioso dizer, a propósito, que no seu próximo filme, actualmente em curso de realisação, Dorothea Wieck assumirá um papel dum género inteiramente diverso. Será uma «estrêla» de cinema no auge da sua glória, a quem os bandidos raptam o filho, único enlêvo da sua alma de artista.

Resta pôr em destaque a revelação duma jovem artista que faz a sua estreia em «A canção do berço». Chama-se Evelyn Venable, e já antes de se dedicar ao cinema adquirira certo renome como intérprete das obras de Shakespeare. Conta apenas dezassete anos de idade. Seu pai, o

professor Emerson Venable é considerado uma das maiores autoridades mundiais em matéria de literatura shakespeareana. Pai e filha acabam de publicar um livro consagrado ao genial dramaturgo inglês e dedicado ao público das escolas e dos teatros de amadores. O professor analisa as peças sob o ponto de vista histórico e literário, e a filha, actriz precoce, junta-lhe a análise prática de intérprete, com sugestões para a encenação.

Evelyn Venable, depois do seu belo desempenho em «A Canção do Berço», adquiriu larga popularidade nos meios cinematográficos. Trabalha actualmente ao lado de Frederic March no filme «Death takes a holiday» e em seguida será a protagonista dum filme em projecto.



Dr. Sousa Costa



O nome consagrado de Sousa Costa — escritor dos mais ilustres — não necessita de reclamos. As suas obras são sempre êxitos de livrarias. O seu último volume, vindo a lume há dias, chama-se «Em busca do paraíso...» É uma c-lectanea de crónicas e impressões de viagem. Nelas se descrevem terras de França, de Espanha e de Portugal.

António Boto



ANTÓNIO Boto é um grande poeta que atingiu na sua arte os supremos limites da perfeição. Depois de nos ter dado o livro «Canções» — alguns dos mais belos versos de amor que se têm escrito em Portugal; depois das encantadoras «Cartas que me foram devolvidas»; depois de ter levado à cena «Alfama», — depois de sa novela impressionante que se chama «António», depois de tudo isto, que é bem a obra de um altíssimo artista, António Boto, deu-nos, agora, «O meu amor pequenino», um lindo livro de contos infantis, onde há páginas que têm a beleza de certos versículos dos Evangelhos.

Dr. Ary dos Santos



CAUSOU grande êxito nos meios forenses, o livro publicado pelo moço advogado sr. dr. Ary dos Santos, intitulado «Nós, os advogados», que está prefaciado pelo conhecido advogado e brilhante dramaturgo sr. dr. Ramada Curto. É uma obra escrita em estilo anecdótico, onde há um humorismo são e desempoeirado, nada vulgar nos tempos de hoje.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Uma mensagem do Município de Boston à C. M. L.



ESTIVERAM em Lisboa seis representantes do Município de Boston (America do Norte), que — eram portadores duma mensagem do «Mayor» daquela cidade, para a Camara Municipal de Lisboa. Os ilustres visitantes foram recebidos no salão nobre do edificio da Camara por quasi todos os membros da Comissão Executiva. Trocaram-se amistosos discursos, tendo a mensagem sido lida pelo sr. Harris Booras e o agradecimento feito pelo sr. Linhares de Lima, em nome do municipio lisboeta.

Na grande praia de Lisboa-Costa de Caparica



O Conselho Nacional de Turismo — representado pelos srs. brigadeiro Silveira e Castro, drs. Balbino do Rego e Cisneiros Ferreira — visitou há dias o Hotel da Costa da Caparica, que está sendo construído, graças ao empreendimento do sr. Agro Ferreira, o grande animador daquela formosíssima praia. O plano do edificio, de linhas modernas, é do architecto Moreira Lemos. Publicamos acima duas gravuras, uma representando um aspecto da visita e outra do hotel, que está instalado no melhor local da conhecida Praia do Sol.

Um pintor espanhol



VISITA Portugal brevemente o pintor espanhol António de Burgos Oms, secretario da Academia de Belas Artes de Telmo (Malaga), com o fim de fazer uma exposição dos seus trabalhos em Lisboa. O governo do país visinho, adquiriu ao ilustre artista, recentemente, algumas das suas obras, para os museus nacionais.

José de Freitas

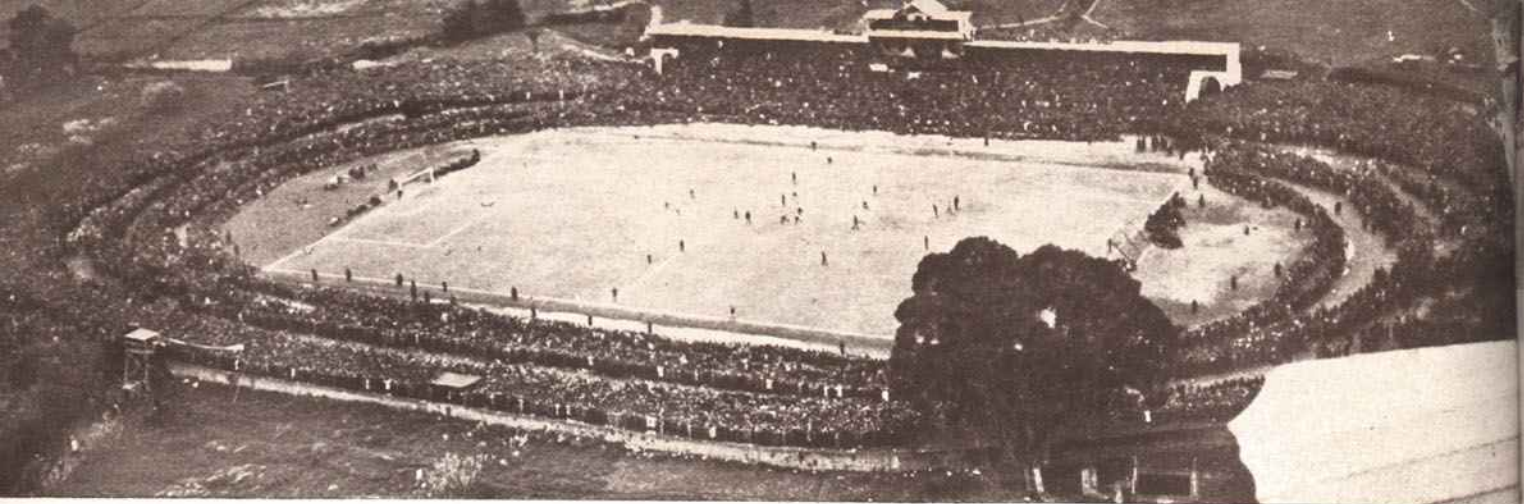


O jovem jornalista José de Freitas lançou no mercado o seu primeiro livro. São duas novelas, uma que dá o titulo à obra: «Regresso» e outra «Revolta dominada». Revela-se um escritor cheio de facilidades de observação e de análise critica. A acção de ambas as novelas desenrola-se com facilidade. É um volume promettedor de outros, que certamente hão de vir, onde já um valor literário aparece digno de relevo.

Carlos Aguiar



PELA primeira vez — está ainda longe dos vinte anos — expoz alguns dos seus trabalhos, aguarelas, o moço artista Carlos Aguiar. Há nelas uma revelação do sentido decorativo, que mereceu da critica aplausos gerais. Muita fantasia de cor, eis a impressão colhida numa rápida visita. Muito há a esperar de Carlos Aguiar pela pequena amostra que deu ao publico.



FALAR da quinzena desportiva, tem, forçosamente, que ser falar ainda e sempre da competição futebolista entre Portugal e Espanha. Felizmente, agora, o resultado do segundo encontro vem demonstrar a anormalidade do desastre de Madrid, provando também que, embora superiores de uma boa classe aos nossos jogadores, os espanhóis não podem normalmente esmagar-nos sob a avalanche que se desencadeou em Chamartin.

Neste momento, após o honroso 2-1 que bem merecia haver sido um 2-2, a crítica acalmou os animos e a ponderação fez ver os exageros e despropósitos de certos comentários. O resultado catastrófico do decimo Portugal-Espanha conseguiu gerar na imprensa portuguesa curiosas manifestações de reacção, desde as campanhas técnicas dos críticos oportunistas até aos artigos inflamados de quem, só agora, na crise de desgraça, descobriu a existência do desporto para o zuzir com a argumentação desvirtuada

A QUINZENA DESPORTIVA

O II encontro Portugal-Espanha em "football" para o Campeonato do Mundo e a victoria de Lisboa, em "rugby", sobre Madrid

pelo seu desconhecimento do assunto. A reabilitação do onze nacional, vindo a uma semana de intervalo e quasi pelos mesmos rapazes que tão mal tratados haviam sido na primeira saída, esclareceu certamente esses bem intencionados incompetentes sobre a versatilidade dos resultados desportivos e as mil contingências que os cercam, ao mesmo tempo que fechou a boca aos outros, aos entendidos do meio, que na sua incapacidade productora aproveitam, sem pruridos de consciência, a boa fé das gentes e o capricho das circunstâncias para explorar em seu proveito a opinião pública.

Na história do football mundial abundam «scores» semelhantes ou muito peo-

res do que os 9-0 de Madrid. Não ficámos, por êle, colocado em plano de inferioridade excepcional ou vergonhosa.

Não há ainda um ano que, no mesmo campo, a equipa nacional que em Vigo nos derrotára injustamente por 3-0, applicou à Bulgaria a bagatela de 13-0.

Há três anos, em Londres, o grupo espanhol portador de responsabilidades tradicionais que não pesam sobre nós, consagrado como uma das melhores formações europeas, encaixou dos ingleses a bagatela de 7-1!

A França, onde o football é ainda auxiliado pelos poderes públicos, regista no seu passado verdadeiras exorbitâncias e nunca perigou o brio nacional nem a crítica pediu pena maior para os futebolistas; citemos, para exemplo, 8-1 em Saragoça, 15-5, 12-0, 10-0 da Inglaterra, 13-1 da Hungria, 9-4 e 7-0 da Italia!

Volvidos os dias sobre a primeira impressão dolorosa, recuperada a calma que os não desportistas, por menor educação da vontade, facilmente deixaram fugir, encarêmos os acontecimentos na exacta relatividade do seu valor e, para que se não repitam, aproveitem-se os ensinamentos e encaminhem-se as coisas dentro de criterio diferente daquele em que têm persistido os dirigentes que governam na norma mesquinha dos seus interesses.

Assim estará bem, e poderemos afirmar que há males proveitosos. Mas, por Deus, deixemos em paz Aljubarrota e outras baboseiras semelhantes que já se não usam desde que acabou em Portugal a oratoria comicieira.

A realização, em Lisboa, do segundo encontro eliminatório do Campeonato do Mundo favoreceu a disputa de outras



AO ALTO DA PÁGINA: Aspecto do Estádio do Lumiar, durante o Portugal-Espanha, visto pela objectiva do major-aviador Pinheiro Correia

EM CIMA: O «onze» espanhol que venceu a nossa selecção por 2 a 1

EM BAIXO: O grupo português antes do desafio





A equipa madrileña de «rugby» que foi derrotada pela selecção lisboeta

competições luso-espanholas que, em diferentes circunstâncias, dificilmente conseguiriam viabilidade.

Assistimos assim a dois encontros de rugby e a um torneio de ténis, êste em retribuição da visita feita uma semana antes pelos tenistas portugueses à capital visinha.

Os encontros de rugby, uma vitória de selecção para Lisboa, uma vitória de clube para Madrid, conseguiram um apreciável êxito de assistência e marcaram utilíssimas jornadas de propaganda.

O primeiro jogo, pondo frente a frente as selecções das duas cidades, foi o mais interessante de seguir e aquêlo que me-

Esta fase inicial do encontro foi de franca superioridade madrileña, que pouco a pouco se reduziu e anulou.

No segundo tempo os portugueses quasi não saíram do território adversário, estando várias vezes a ponto de marcar; no entanto, no instante decisivo, sempre uma hesitação ou a intervenção oportuna do adversário impediam o êxito da tentativa. Só a dez minutos do fim, depois da passagem de Xavier de Araujo para a linha de três quartos e da troca entre Figueiredo para extremo e Bouisson para centro, os ataques portugueses to-



Uma curiosa fase do encontro Madrid-Lisboa, em «rugby»

lhor provou as qualidades dos jogadores lusitanos.

Arrancada nos últimos minutos de luta, a vitória de ha muito se apresentava como merecida e mais cedo teria vindo se a penetração do grupo tivesse sido melhor compreendida.

Os madrilenos demonstraram talvez melhor técnica, uma execução mais perfeita na mecânica de conjunto; são mais móveis, melhor preparados, mas a energia e a vontade dos portugueses, cuja linha avançada de muito maior peso arrasou as capacidades de resistência contrária, firmaram pouco a pouco a sua superioridade, acabando por dominar em absoluto, reduzindo a acção dos espanhóis a uma defesa desesperada do seu extremo território. A primeira parte terminou com os espanhóis a ganhar 5-0, um belo ensaio marcado aos doze minutos pelo «três quartos asa» Garrigoza, em conclusão de um ataque á mão em que colaborou toda a linha. Resines transformou.

maram consistência, marcando Figueiredo um belo ensaio, a que Bouisson acrescentou, a um minuto do fim, o ensaio da vitória, esplendido de decisão.

A exibição do grupo português não foi brilhante, foi mesmo um tanto confusa, mas foi valorizada por uma vontade constante de vencer, lutando com energia e coragem, contra a maior experiência do adversário.

Alinharam: José Manuel (S. L. B.); Figueiredo (S. C. P.); Bouisson (G. C. P.); Morgado (S. C. P.); Licinio (C. F. B.); Branco e Hermes (G. C. P.); Xavier de Araujo, cap. (G. C. P.); Cesário, Ildo Gomes, Holbeche (S. C. P.); Albergaria, Fr. Silva, Gonçalves (G. C. P.); Teixeira (S. L. B.).

Antes do fim da primeira parte Gonçalves saiu, dando o lugar a Garcia, que foi muito mais produtivo.

O segundo encontro, que opunha o mesmo grupo espanhol, sob as côres do Madrid Football Club, ao campeão de Lisboa da época finda, foi o Ginásio vencido pela diferença mínima de 3-0, provenientes de um pontapé livre. A igualdade de luta foi grande, e os lisboetas poderiam ter arrancado o triunfo, com um pouco mais de entendimento entre as várias linhas do grupo.

Devemos regosijar-nos sem reservas com o resultado destes primeiros jogos internacionais, esperando que tenham vindo dar ao rugby o oxigenio incitante de que tanto carecia para se desembaraçar do marasmo que o tem inferiorizado durante os últimos anos.

Tanto em Madrid como em Lisboa, os tenistas portugueses foram batidos pelos adversários, que não eram, no entanto, valores consagrados de classe internacional.

Isto demonstra uma vez mais a nossa inferioridade num jogo para o qual falta, à quasi totalidade dos praticantes, uma preparação física a que, por ser rigorosa, não querem sujeitar-se. O tenis apresenta, além de tudo o mais, a característica de um desporto caro, reservado a uma «élite» social que no nosso país é recrutamento muito reduzido.

Parece-nos interessante, tanto mais que ainda a eles se não referiu a imprensa portuguesa, indicar os resultados financeiros dos dois últimos encontros de football entre Portugal e Espanha.

Em qualquer das capitais, os recintos se mostraram insuficientes, esgotando-se as lotações e ficando pessoas privadas de adquirir entrada. No Lumiar assistiram ao encontro 38.000 espectadores e em Chamartin, cuja capacidade é muito inferior, umas escassas 20.000.

Cá, como lá, foram batidos os records de receita em jogos internacionais, o que merece indicação especial como testemunho do interesse que mereceu aos espanhóis êste encontro com Portugal, apesar dos resultados desfavoráveis das épocas passadas.

Finalmente, a Federação Espanhola recebeu nas bilheteiras 170.000 pesetas, e a Portuguesa 312.000 escudos. É claro que deduzidas as despesas de organização e viagem, estas verbas resultam consideravelmente diminuidas.

Salazar Carreira.

O «quinze» representativo da capital que venceu o encontro de «rugby» por 6 a 5.



Festas de Caridade

«CHÁ MAH-JONG»

Constituiu, sem dúvida alguma, um grande acontecimento mundano, o «chá mah-jong» de caridade, que uma comissão de senhoras danossa primeira sociedade, levou a efeito na tarde de quinta feira passada, nos salões nobres do Automóvel Club de Portugal, e cujo producto se destina a varias obras de beneficência.

Na assistência, recorda-nos ter visto, entre outras pessoas, as seguintes:

Senhora de Armendariz del Castillo, Senhora de Quir-Montfollet, Condessa do Cartacho (D. Maria), Condessa de Ficalho, Condessa de Castro, Viscondessa de Sacavém, D. Luiza Patricio de Fraei, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Branca de Otouguia Pinto Basto, D. Octavia Guedes Cau da Costa, D. Berta Ortigão Ramos, D. Cristina Resende da Silva, D. Maria Teresa Valdez Pinto da Cunha, D. Maria José Bastos, D. Amélia Baptista de Melo, D. Rita Ferrão de Mascarenhas, D. Eugénia Machado Ribeiro Ferreira, D. Judite Maia de Carvalho, D. Helena Mauperrin Ferrão de Castelo Branco, D. Berta Mauperrin de Castelo Branco, D. Honorina de Moraes Graça, D. Gabriela Daurrioux, Senhora de Cisneiros Ferreira, D. Albina Cordeiro Rebelo, D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Laura Reis Ferreira, D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, D. Berta Goulard Caldas Forte, D. Carlota de Araújo Serpa, D. Joana de Castelo Branco Mendes da Silva, D. Eugénia Barbosa de Castelo Branco, D. Maria Isabel Burnay de Almeida Belo, D. Maria de Oliveira Reis, D. Merita Abdarahn Abecassis, D. Sofia Zagraní Curi, D. Júlia Azulay, D. Henriqueta da Costa Lobo, D. Inez Gomes Felipe, D. Alice Pinto Basto Medeiros de Almeida, D. Camilla de Paiva Raposo, D. Alice Sauvini Bandeira Bastos, D. Maria Fernanda de Melo Beirão, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Balsemão, D. Maria Baltazar Balsemão, D. Maria Cordeiro Roquet de Campos Henriques, D. Maria Lane Borges de Sousa, D. Paulina L. Bernmeister de Noronha, D. Stela Belmarço da Costa Santos, D. Ida Bianchi, D. Alice de Sousa Melo, D. Ilda Brandão, D. Clarisse Couto, D. Elisa Talone Ferreira, D. Idalina Pedroso de Lima, D. Maria do Pilar Soto Maior Pinto Basto, D. Maria da Glória Duarte Silva, D. Maria Luiza Paiva Raposo Medeiros de Almeida, D. Adelaide de Almeida, D. Matilde Matoso dos Santos, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Joana Santos Belo, D. Ana Maria Barros da Costa Moraes, D. Maria do Carmo Contrei as Machado, D. Eugénia d'Oréy Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, D. Dalila Correia Leite Tavares de Carvalho, D. Maria José de Borja Trindade Benard Guedes, D. Maria da Assunção Pedroso Possolo Pellen, D. Maria Teresa Pressler Lino, D. Maria de Castelo Branco Pimenta da Gama, D. Lina de Andrade, D. Maria Vecchi Pinto Coelho de Villena, D. Emilia Alves Arrobas, D. Maria da Conceição de Medeiros e Almeida, D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, D. Maria Inácia, D. Maria de Castelo Branco, D. Daise Cohen de Betencourt, D. Clara Abdarahn Buzagó, D. Maria da Costa de Sousa de Macedo (Estarreja), D. Maria Teresa de Lancaster Ferrão de Castelo Branco, D. Maria Margarida Franco dos Santos, D. Maria Tereza de Saldanha Quintela (Farrobo), D. Fernanda de Lancaster Laboreiro Fiuza, etc., etc.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro como mundano.

Festas de homenagem

É segunda-feira, que se realiza no teatro Politeama, a récita de homenagem, dedicada pela empresa desse teatro aos cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, dois rapazes incansáveis no seu mister de colaboradores das crónicas mundanas. Subirá à cena, a interessante comédia «O cão de fila» na qual o protagonista é desempenhado pelo actor Estevão Amarante, estando os restantes papeis de destaque a cargo das artistas D. Lucília Simões, D. Ilda Stichini, Alves da Costa e Erico Braga.

A casa encontra-se tomada por tudo o que de melhor, conta a nossa aristocracia, onde os homenageados gosam de inumeras simpatias. A noite de segunda-feira, no Politeama é de aquelas que se pode afirmar, ser uma verdadeira «parada» de elegância.

Casamentos

Realizou-se o casamento da sr.^a D. Dayamea Júlia Guimarães de Vasco Fernandes, filha da sr.^a D. Otília Guimarães de Vasco Fernandes, já falecida e do sr. dr. António de Vasco Fernandes, com o sr. Alfredo de Gusmão Pacheco Jorge, filho da sr.^a D. Matilde Augusta de Pacheco Jorge, já falecida, e

VIDA ELEGANTE

do sr. José Vicente Jorge, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Júlia de Carvalho e Santos e D. Carlota Becker da Assumpção e de padrinhos o sr. dr. António de Almeida Ribeiro, juiz desembargador e o pai do noivo que se fez representar pelo sr. Ferreira da Rocha, antigo ministro das Colónias. Terminada a cerimónia foi servido um lanche, partindo os noivos para o Estoril, onde foram passar a lua de mel, seguindo depois para o Algarve.

— Para seu filho, o advogado sr. dr. Francisco de Mascarenhas Gentil, foi pedida à sr.^a D. Heleisa de Moraes Neves, pelo ilustre cirurgião, professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, sr. dr. Francisco Gentil sua gentil netas.^a D. Isabel Maria Barjona da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca).

A cerimónia deverá realizar-se no fim do corrente mês ou principio de Maio.

— Na paróquia de S. Sebastião, realizou-se o casamento da sr.^a D. Jovina de Oliveira Correia da Costa, e do sr. Eduardo Correia da Costa, já falecido, com o segundo tenente de marinha sr. João Campos Costa, filho da sr.^a D. Laura de Oliveira Campos Costa, já falecida e do comandante sr. João Gonçalves Costa.

Fôram madrinhas, a mãe da noiva e a tia do noivo sr.^a D. Ermilinda da Costa Viana, e padrinhos o sr. Daniel Ferreira de Matos e o pai do noivo.

Celebrou o acto religioso, o reverendo António

de Oliveira Reis, prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um lanche da pasteleria «Versailles», seguindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Foi pedida em casamento para seu sobrinho, sr. Francisco do Amaral Osório de Calheiros e Menezes, neto materno dos srs. viscondes de Almeida, pela sr.^a D. Maria Preciosa de Moura Coutinho de Almeida d'Eça Fernandes Tomaz, a sr.^a D. Maria de Lourdes Neto Rebelo Maia, filha da sr.^a D. Isabel Neto Rebelo Maia, já falecida e do sr. Alberto Ferreira Maia.

A cerimónia realizar-se-á brevemente.

— Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Maria Joana Velho da Palma, filha da sr.^a D. Beatriz Velho da Palma e do coronel sr. Velho da Palma, com o tenente da armada, segundo comandante do cruzador «República» sr. Henrique Ferreira Pinto, filho da sr.^a D. Emilia de Almeida Ferreira Pinto e do sr. Henrique Ferreira Pinto, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na residência dos pais da noiva um lanche da pasteleria «Versailles», partindo os noivos depois para o norte onde foram passar a lua de mel, seguindo dali para Carcavelos, onde fixaram residência.

— Para seu filho João, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Maria Morgenstern, esposa do sr. Kurt Morgenstern, a sr.^a D. Ernestina Segurado, filha da sr.^a D. Berta Segurado e sr. José Júlio dos Santos Segurado. A cerimónia realizar-se-á brevemente.

— Em capela armada na residência da mãe do noivo, realizou-se o casamento da sr.^a D. Graciete Garcia do Carmo, gentil filha da sr. D. Maria Garcia Sena e do sr. António do Carmo, com o sr. José Manuel Costa, filho da sr.^a Casimira Costa e do sr. Diamantino Almeida Costa, já falecido. Serviram de madrinhas a sr.^a D. Maria José Félix e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. Francisco Félix Júnior e Carlos de Magalhães.

Terminado o acto religioso, foi servido no salão de mesa, um lanche, seguindo os noivos depois para o norte.

— Pelo sr. dr. José da Costa Madeira, foi pedida em casamento para seu irmão Henrique, segundo tenente da administração naval, a sr.^a D. Kathleen Mary O'Donnell, filha do sr. Tomaz Bryan O'Donnell, já falecido e da sr.^a D. Kétie Cabreira, esposa do sr. Alvaro Leão Cabreira, director da Contabilidade dos Ministérios da Agricultura e Comércio e Indústria.

— Na paróquia da Boa Hora, em Belem, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria da Boa-Hora Boa Alma, filha da sr.^a D. Maria dos Reis Severina Boa-Alma e do sr. José Duarte Boa-Alma Júnior, com o sr. Mário Ferreira Bastos, filho da sr.^a D. Margarida da Silva Ferreira Bastos, e do sr. Joaquim Dias Ferreira Bastos. Foram madrinhas as sr.^{as} D. Maria do Carmo Abrantes e D. Adelaide Ferreira Bastos Pérez e padrinhos os srs. João Abrantes Lúcio e Miguel Pérez. Celebrou o acto religioso, o reverendo Finq Beja, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um lanche da pasteleria «Versailles», partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se na paróquia de Santa Maria de Belem, o casamento da sr.^a D. Ana Pinção Aboim Bertal, gentil filha da sr.^a D. Emilia Pinção Bertal, e do engenheiro sr. Paulo Bertal, com o sr. José Viveiros do Rego, sub-inspector da Radio-Maritima Portuguesa Limitada, filho da sr. D. Helena Augusta Viveiros Rego e do sr. António V. Rego, já falecido.

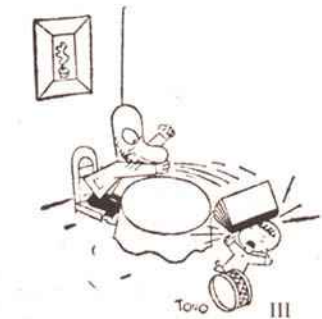
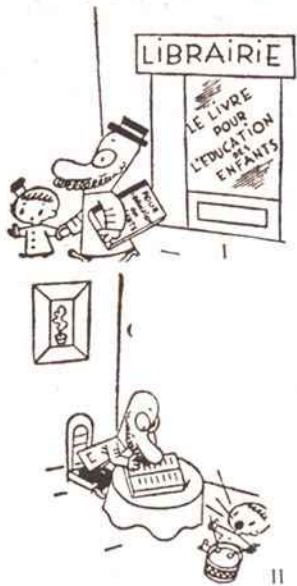
Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Mariana Aboim Inglez e D. Isabel Viveiros Rego, cunhada do noivo e de padrinhos os srs. António A. Inglez, engenheiro e professor do I. S. Técnico, e António Viveiros Rego Junior.

D. Nuno.



Casamento da sr.^a D. Dayamea Vasco Fernandes com o sr. Alfredo de Gusmão Pacheco Jorge

A educação das orianças...



... ou o livro que a ensina.

Graças a Deus...



— Então a sua mulher caiu à água e o senhor não a vai salvar?
— Graças a Deus... não sei nadar!

Outra doutrina



— Sabes onde vão os teus amigos, em vez de irem à doutrina?
— Sei, senhor cura... Vão ao cinema!

A GRAÇA ALHEIA

O tio rico...



... pediu lume, para acender o cachimbo...

"Ping-Pong,"



— Diz ao avô que não durma com a bôca aberta. Com esta, é a terceira bola que perdemos...

Uma razão



— O que o levou a fabricar notas falsas?
— O haver poucas verdadeiras, senhor juiz!

A orise



— Isto não são horas de pedir esmola?...
— A crise obriga-nos a trabalhar fóra de horas...

Amabilidade



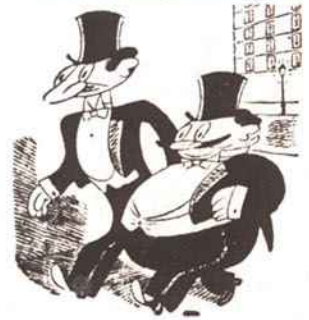
Êle — Já leu o meu último romance?
Ela — Não. E o senhor?

Um poço...



— És homem a quem se possa confiar um segredo?
— Que pergunta!
— Olha, tenho necessidade urgente de dois mil francos.
— Podes ficar descansado. É como se nada me tivesses dito.

Uma desculpa aceitável



— Quando vais tarde para casa, o que dizes a tua mulher?
— Não sou casado...
— Então não compreendo a razão porque vais tarde para casa...

Nos tempos de hoje...



— Olha que não é o nosso filho!... Este carro não é o nosso!
— Bem sei que não é... mas este carro é muito melhor!

Ingenuidade



— Tenho medo. Queria escrever-lhe uma carta, mas receio que a mulher a leia.
— Se escreveres no envelope: «Particular» ela não abre, com certeza...

Pergunta desnecessária

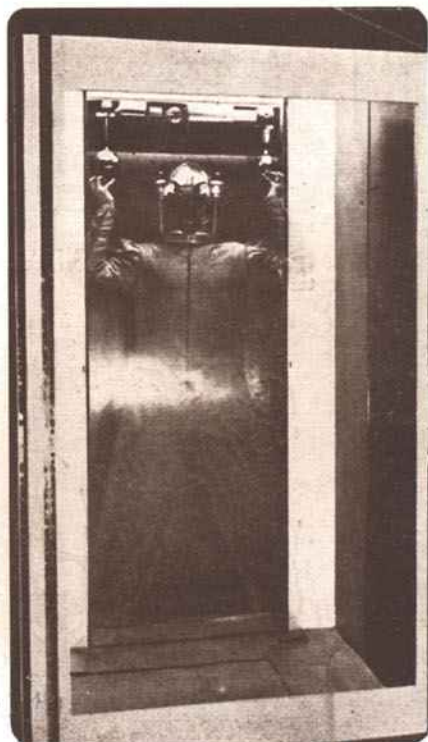


— Quanto custou essa corrente?
— Sei lá. O caixairo estava a dormir...



DESDE as épocas mais remotas que a invisibilidade se conta entre as grandes e maravilhosas aspirações da raça humana. A história da magia antiga abunda em fabulosos prodígios desse género. Sirva de exemplo, Sigfredo, o herói das lendas milenárias do Reno, que possuía um capacete e um manto com os quais se cobria para desaparecer aos olhos de todos.

Os fakires da velha Índia pretenderam possuir esse dom maravilhoso. E em nosos tempos, o grande escritor inglês H. G. Wells evocou de



O Homem Invisível conquista prodigiosa da ciência

novo o velho sonho da humanidade nêsse romance fantástico e impressionante que se chama «O Homem Invisível».

Será a invisibilidade nma utopia? Deverá ela ser relegada para o plano da magia e feitiçaria e considerado portanto como irrealizável?

Não. A ciência não conhece impossíveis. E o que hoje nós parece absurdo, pode ser amanhã uma assombrosa realidade, e no dia seguinte um facto trivial.

Vejamos o que succede com a alquimia. Durante séculos o homem obstinou-se em procurar a pedra filosofal e por intermédio dela obter a transmutação dos metais. O que então não conseguiu realizou-o a ciência. Desintegrando artificialmente os átomos, o sábio pode hoje transformar a sua substância. Não o faz para tudo converter em ouro, o que nenhuma utilidade lhe traria, ao contrário do que os alquimistas ingenuamente pensavam. Mas pode já penetrar e modificar a estrutura íntima da matéria.

E a aviação, o cinema, a radiofonia, a televisão? Não constituem, na realidade, outros tantos milagres que a ciência arrancou ao domínio da magia para transformar em factos correntes, cuja essência maravilhosa nos escapa já, tão habituados vamos estando a êles?

Alguns dos grandes sonhos da Humanidade tiveram assim realização. Outros há que caminham para isso, como talvez succeda com a navegação inter-planetária. E o único absurdo seria pretender impôr limites às conquistas da ciência, para a qual o impossível é palavra desprovida de sentido.

Nesta ordem de idéas, o homem invisível que muitos poderiam julgar criação utópica da fantasia dum escritor, é já uma realidade do laboratório, um facto verificado pelos sábios, uma experiência difícil mas concludente.

Estamos longe ainda, na verdade, do herói da Wells que vagueava pelo mundo sem formas visíveis, mas embora a ciência não vá tão longe, a descoberta não é por isso menos grandiosa.

Deve-se o invento a Herbert Winck, um sábio de Berlim, que ao cabo de sete anos do estudo, afirma ter realizado o maravilhoso aparelho capaz de tornar um homem invisível.

As experiências por êle realizadas, perante grande numero de técnicos, foram coroadas de êxito. Não se conhecem ainda certos pormenores fundamentais do seu invento e não é possível, por enquanto, explicar os princípios em que se baseia. O que se sabe é que o homem que se vai tornar invisível entra numa cabina especial depois de ter revestido um traje espectral e ter coberto a cabeça com um capacete eléctrico. Com as duas mãos segura os globos colocados sôbre a sua cabeça e por intermédio dos quais lhe é transmitida uma corrente eléctrica. Pouco e pouco o seu corpo parece dissolver-se no

Progressão de aspectos do desaparecimento dum homem segundo a experiência realizada por Herbert Winck

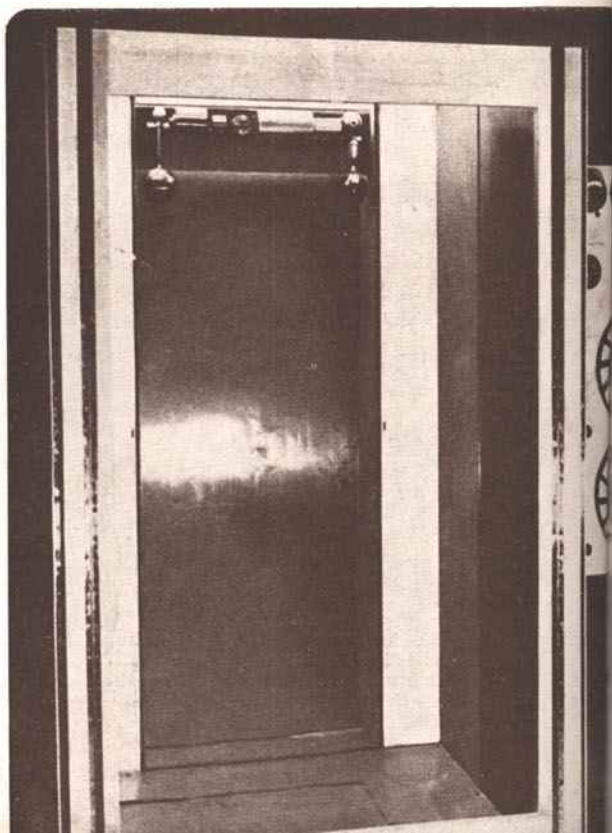
ar e, contudo, a sua presença dentro da cabina pode ser verificada pelo tacto pois que a semelhança do protagonista do romance do Wells, o homem invisível da ciência, continua a possuir formas materiais e tangíveis, embora elas escapem à visão humana.

Não deve estar longe o dia em que novos aperfeiçoamentos dêem realização a êsse velho e secreto desejo da humanidade que consiste em ser invisível. Não repugna admitir que, o que é hoje possível dentro duma cabina de laboratório seja amanhã de uso corrente.

E que singulares transformações isso virá trazer à nossa vida social!... Que meios de defesa se inventarão contra êsse novo perigo? Que espantosas catastrofes não pode êle acarretar à espécie humana?

A invisibilidade será, na mão dos fracos, dos disputados, a mais terrível das armas. A semelhança do herói de Wells, o homem que disponha dessa faculdade prodigiosa poderá acercar-se do seu inimigo sem ser pressentido, escolher à sua vontade o ponto onde o há-de atingir e descarregar o seu golpe com tranquillidade e certeza. A impunidade está-lhe de antemão assegurada. Poderá atravessar o mais apertado cordão da Polícia com a facilidade que nós escapariamos a uma perseguição de cegos. E scr-lhe-á dado saborear o prazer da vingança em todos os seus requintes.

Será isto apenas um pesadelo científico? Talvez não. A nossa época é pródiga em maravilhas aterradoras. Na feira de Chicago exhibiu-se já um autómato metálico dotado de palavra e movimento, espécie de ser grosseiramente, consciente, capaz de executar um certo numero de actos. Que pode êsse facto significar senão que estamos em vespuras de ver nascer uma humanidade de autômatos?



O Homem Invisível

filme de imagens fantásticas



Gloria Stuart e Henry Travers numa cena do filme «O Homem Invisível».

O cinema norte-americano acaba de consumir um verdadeiro prodígio de técnica com a realização de «O Homem Invisível», filme baseado no mais célebre romance de H. G. Wells.

A adaptação ao cinema dessa notável obra do fantástico escritor inglês era sedutora e erizada das maiores dificuldades.

O personagem criado pela imaginação fértil de Wells é, nem mais nem menos do que um homem normal que, mercê de certas drogas e misteriosas radiações, consegue tornar-se invisível. A história trágica desse louco, que perdeu a aparência visível e continua, apesar de tudo, subordinado às contingências da sua condição humana, constitui o entrecho da obra que excede em fantasia quasi todas as criações literárias do nosso tempo.

Ao realizar esta adaptação, James Whale modificou até certo ponto a obra de Wells, o que não impediu este de afirmar que «pela primeira vez se sentia completamente satisfeito com a encenação duma das suas obras».

O argumento pode contar-se assim: O sábio Cranley tem uma filha, Flora, por quem se apaixonam os seus dois assistentes, Griffin e Kemp. O primeiro propõe-se deslumbrar Flora com as suas descobertas a que se consagra sem descanço.

O seu trabalho é coroado de êxito. Descobre o meio de se tornar invisível e a partir desse momento pratica impunemente tudo que lhe apetece. Provoca um horroroso descarrilamento e a polícia é mobilizada contra ele. Mas Griffin troça dos seus perseguidores. E desembaraça-se do seu rival, amarrando-o dentro dum automóvel que faz em seguida tomar num despenhadeiro, no fundo do qual se incendia.

Mas Griffin, ao tornar-se invisível, julgava ganhar a liberdade e afinal perdera-a. Era agora prisioneiro da sua descoberta que o privava de aparência visível e o tornava num misterio. Envolto em vestuário e pensos, transformado numa caricatura, hospeda-se numa pequena aldeia e trabalha por descobrir a droga que lhe há-de restituir a forma primitiva.

Perseguido pelos camponeses trói o seu segredo sem ter encontrado a droga salvadora. Louco de raiva volta a semear o terror. Refugia-se numa granja a que a polícia lança fogo. Foge às chamas mas os perseguidores vêem as

suas pegadas que se imprimem sobre a neve à medida que ele corre. Um tiro disparado à altura do coração abate-o. É transportado, moribundo, para uma casa de saúde. E à medida que a morte vai realizando a sua obra, o corpo retoma a aparência visível.

Como se compreende, grandes recursos técnicos tiveram de ser postos em prática para animar no *écran* esta aventura impossível.

Certas manifestações da presença do homem invisível são duma grande simplicidade. Tal é o caso duma porta que se abre sem ninguém lhe tocar. A cena é filmada imagem por imagem, e entre cada uma das fotografias a posição da porta é ligeiramente modificada.

Mas o problema é já mais difícil quando se vê um cigarro suspenso no espaço e uma caixa de fósforos que se ergue de cima duma mesa para o acender. Esta e outras cenas do mesmo género inspiram-se na técnica das *marionettes*. Os objectos estão suspensos por fios invisíveis e por um paciente estudo consegue dar-se-lhe os movimentos precisos.

Noutras ocasiões o homem invisível aparece envolto em ligaduras. E quando as tira, transforma-se num corpo decapitado, visto que a cabeça é invisível. Êste espantoso resultado é obtido pelo emprêgo conjugado de fotografias sobrepostas e de *caches*, dispositivos de que os fotógrafos se servem para suprimir determinada parte da imagem a impressionar.

Finalmente, certas cenas em que o homem invisível aparece sem mãos por ter tirado as luvas, ou sob a forma dumas calças que caminham por si, foram realizadas sobre um fundo negro, estando o actor revestido também de negro nas partes do corpo que não devem figurar no filme. O fundo negro é depois substituído por outro por um processo aperfeiçoado de sobreposição.

Escusado será dizer que todo este conjunto de *trucs* é reforçado por vozes e ruídos através dos quais a presença do homem invisível se revela aos olhos do espectador maravilhado.

Com razão se pode dizer que «O Homem Invisível» é uma aventura especificamente cinematográfica. De facto, só o cinema com o seu admirável poder de realização do impossível podia dar forma a essa história fantástica que doutro modo estaria condenada a nunca sair dos domínios da literatura.

A interpretação desta obra curiosa reúne Gloria Stuart, que desempenha o papel de Flora; Henry Travers (doutor Cranley); e William Harrigan (Kemp). A crítica estrangeira reconhece, em geral, a estes artistas uma actuação acertada, mas frisa que os seus papéis foram sacrificados ao interesse geral da obra. Na realidade, todo o interesse se concentra no «Homem Invisível» cuja terrível

aventura enche o filme. Êste papel foi confiado a Claude Rains, um galã de recursos cuja fisionomia simpática só aparece no *écran* no último minuto de projecção.

Para a execução dos numerosos *trucs* que o filme comporta, James Whale foi coadjuvado por John P. Fulton. A êste tecnico se deve, portanto, em grande parte, a impecável realização dos milagres em que a obra abunda. Também é de justiça mencionar Jack Pierce e Charles Edison, dois grandes operadores que deram valiosa cooperação ao realizador do filme.

James Whale é um artista experimentado neste difícil género de filmes. Deve-se-lhe já essa obra impressionante que é o «Frankenstein». Em «O homem Invisível», James Whale soube reproduzir com notável fidelidade o ambiente de mistério e tragédia, com laivos de loucura, que é carácter predominante no romance de Wells. O espectador vive angustiado toda essa aventura inverosímil que se anima no *écran*, e sente-se dominado pelo pânico sempre que a presença invisível e implacável de Griffin se revela. É essa a melhor qualidade da sua obra e a que revela o seu escrúpulo de adaptador, muito embora, como já dissemos, se tivesse afastado sensivelmente do entrecho imaginado pelo romancista.

James Whale pode, portanto, sentir-lhe orgulhoso da sua obra. E o aplauso incondicional de Wells, a que já nos referimos, não se pode certo o seu menor título de glória.

Pena é que o cinema não recorra com mais frequência ao magnífico repertório de histórias fantásticas que a literatura possui. Entre as obras de Edgar Poë, H. G. Wells, Edgar Wallace e outros, há úteis materiais que um realizador hábil pode utilizar com magníficos resultados. Em nenhum outro género as disposições especiais da sétima arte têm tão proveitosa realização. Não é demais repetir que a função superior do cinema consiste em corporizar as criações fantásticas do espírito humano.

«O Homem Invisível» é neste género uma obra notável que merece ser admirada e que dá a medida dos grandes recursos técnicos do fonocinema norte-americano.

Outra cena, em que, para melhor compreender, o traço indica o contorno do homem invisível, que não aparece no *écran*.



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Moossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

CORREIO

Ignotus Sum, Nêlito, Oesav, Viola e Justa. — Paços de Brandão. — Com os nossos votos de felicitações e desejos de longa vida à T. C. B. vão os agradecimentos sinceros pela gentileza da colaboração enviada, cuja publicação oportunamente iniciaremos.

Godinho Reguengos. — Reconhecidos, agradecemos a remessa do seu belo trabalho figurado, com que se dignou distinguir e honrar a nossa secção. Entretanto, esperamos que não se esqueça de que «Desporto Mental» terá sempre muito prazer em sabê-lo entre o número dos seus habituais colaboradores.

CAMPEONATO INTERNACIONAL DE CHARADISMO

A Tertúlia Edípica — agremiação charadística de renome e passado de nobres tradições — num momento de feliz inspiração, encarregou os nossos prezados amigos e confrades *Euristo* e *Etiel* — dois nomes a quem o charadismo luso muito deve — da organização dum grande torneio charadístico, cuja primeira etapa temos sobre a nossa mesa de trabalho.

É talvez este o momento mais apropriado de dizermos, cheios de contentamento, algo acerca dessa obra de vulto, que só vontades firmes e entendidas na matéria e espíritos de fé inquebrantável como os dêsses dois simpáticos tertulianos — sem menosprezo para ninguém — poderiam levar a bom termo tão feliz e rapidamente.

Organizar um campeonato charadístico da grandeza do que se está a disputar, tão valioso e brilhante, é tarefa espinhosa e dura e cheia de contrariedades, em que combatentes de outra ténpera, que não fossem *Etiel* e *Euristo*, talvez não conseguissem um triunfo absoluto.

São dignos, por isso, dos nossos mais sinceros aplausos.

O n.º 57 de *O Charadista* é um verdadeiro colosso, comparado com os anteriores, e o campeonato é uma iniciativa que coroará de louros a brilhante T. E., cujos esforços a bem do charadismo merecem os mais entusiásticos louvores.

Sabemos que a animação e o entusiasmo entre a família charadística, tanto de Lisboa como da provincia, lavram duma maneira difícil de descrever, engendrando uns as mais belas e bem urdidias produções... para as tornar dignas de competição; outros procurando *matar*, dentro dos prazos estipulados, todos os pontos que às suas categorias respeitam, e isto porque são muitos e interessantes os prémios que se disputam — troféus de valia, destinados a perpetuar um acontecimento único nos annos do nosso charadismo.

É esta a primeira vez que em prêmios charadísticos se apresentam objectos trabalhados por um confrade, *M. Maudslay*, exímio cinzelador nortenho, que obsequiosamente dessa tarefa se encarregou e nela está empregando o melhor da sua boa vontade e arte.

O C. I. C. está dividido em três etapas:

A primeira, composta pelo n.º 57 de *O Charadista*, já publicado, e as seguintes pelos n.ºs 59 e 61 da mesma revista.

A falta de espaço impede-nos de mais larga referência ao campeonato, como desejávamos, e de maior divulgação a tão grande empreendimento da T. E.

Propositadamente, como é de uso, deixámos para final — para que realce e brilhe como merece — a nota mais tocante e sensacional deste torneio — a simpática e comovente solidariedade dos confrades de Moçambique, que, subscrivendo com 1.200\$00 para a compra de prémios, deram o mais nobre e sublime exemplo!

Avante, pois, charadistas, que o primeiro grande passo está dado!

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 7

APURAMENTOS

N.º 3

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 19	LÉRIAS	16 votos
--------	--------	----------

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

N.º 22	VIDALEGRE	8 votos
--------	-----------	---------

OUTRAS VOTAÇÕES

N.º 23, Zulmiranda, 1 voto.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 25 pontos:

Demócrito, Aço, Africanista (T. E. L.), Antomar (T. E.-T. E. L.), Jofete (T. E. L.), Lérias (T. E.-T. E. L.), Micles de Tricles (T. E.-T. E. L.), Olho de Lince (T. E.-T. E. L.), Pecadora, Rui Helmingo (T. E. L.), Rupama (T. E. L.), Veiga (T. E. L.), Zé Banana (T. E. L.), Zé Nabo (T. E.), Zica (T. E. L.), Zuraya (T. E. L.), Júlio César (T. E. L.), Deniz Lima, Frá-Diávoló, Historiador, Cantante & C.^a

QUADRO DE MÉRITO

Verdegaio, 20. — Ktaveno, 20 — Apolo V, 18. — Azevedo e Bourbon, 17. — Faro Leiro, 16.

12) ENIGMA PITORESCO



POETA AL. 4L. 4L. 4L. P. PORT.



Viscu

Fontelísio

DECIFRAÇÕES

1 — Joga-gata-jogada. 2 — Fala-lado-falado. 3 — Ama-mago-âmago. 4 — Jeito-tosa-jeitosa. 5 — Papa-jantares. 6 — Lixa-de-lei. 7 — Negocioso. 8 — Fadário. 9 — Humano. 10 — Viso. 11 — Labrusca-laca. 12 — Caiva-cava. 13 — Gratuito-grato. 14 — Boquete-bote. 15 — Gratuito-grato. 16 — Mocedo-modo. 17 — Carcunda-carda. 18 — Chupeta-chuta. 19 — GATO, GALO, GAMO, GATA, PATO, RATO. 20 — Cira, vira, cora, cita, Ciro. 21 — Cerasina. 22 — NANA. 23 — Nana. 24 — Lagarto-volante. 25 — Cada vida cada lida.

CHARADAS NOVÍSSIMAS

1) Porque me *fere* o coração, até quando lhe faço uma *carícia*? 2-1.

Reguengos de Monsaraz *Dralieba*

2) *Insignificaste* inteligência, é um pouco de demência. 4-2.

Viscu *Fontelísio*

CHARADAS SINCOPADAS

(Ao britânico «Jofial»)

3) Qual é o «Deus» do *desfalque*? 3-2.

Lisboa *Doridólfes [T. E. e S. C. L.]*

4) É triste viver *isolado* no auge da solidão... 3-2.

Reguengos de Monsaraz *Dralieba*

5) O *peróxido de ferro* é escuro como *breu*. 3-2.

Lisboa *Deniz Lima*

6) A morte é *escura*! 3-2.

Viscu *Fontelísio*

(Aos falsos patriotas...)

7) Nem todos sabem ter Amor à sua Pátria 3-2.

Ponta Delgada *Jobema (...)*

8) Vi o *trabalho de moldura em tectos e soalhos* quando *dansava* num baile *campestre*. 3-2.

Lisboa *Micles de Tricles (T. E. — G. E. O.)*

9) O *anão* anda armado com uma *faca de malço* 3-2.

Lisboa *Olho de Lince (T. E. — T. E. L.)*

10) Que sorte! uma *pedra preciosa* debaixo da cama 3-2.

Lisboa *Valério (S. C. L.)*

LOGOGRIFO

A...
 «Manhãs de outono, tardes serenas,
 Ocacos de airo, nocturno eiu
 Para os meus olhos tudo morreu!»
 ANTÓNIO FEIJÓ — Sol de Inverno.

11) Há quarenta anos! Num estreito abraço Os dois se uniram. Como o tempo corre! Envelheceram... Nesse longo espaço — 1, 7, 3, 6. Quanto ser nasce e quanta esperança morre!

Vêlhinhos ambos... No lar triste e frio, Vive a lembrança do calor d'outra ora. Ai! que saudades dêsse alegre estio, — 5, 3, 2, 3. Da vida em flor, essa ridente aurora! — 1, 4, 2, 6.

Ela recorda quando, *honesto* e linda, — 5, 3, 1, 4. O noivo ausente confiada esp'rava... Éle a lembrar-lhe, com saudade enfinda, Versos ingénuos que lhe então mandava:

«Uma casinha, com jardim, modesta,
 «Ninho de amor, e lá viver contigo; — 1, 4, 6, 7.
 «Almas sem mancha, corações em festa,
 «Sem um remorso — o celestial castigo; — 2, 6, 7, 1.

«Um bêbézinho que me incite à lida;
 «Tu consagrada pelo amor de mãe,
 «Eu são e hábil p'ra ganhar a vida...
 «Eis a ventura! Eis o supremo bem!»

Ai! a ventura! É a denotar cansaço, Diz à consorte com voz sumida, É reclinado sobre o seu regaço:
 «Ai! como é triste o envelhecer, querida!»

Lisboa *Sileno*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

O BAILE DOS ESTUDANTES DE MEDICINA VETERINARIA

e a eleição
da Rainha da "Mi-carême",
num club desportivo



Nos vastos salões do Automóvel Club de Portugal realizou-se, há dias, o costumeado baile dos estudantes da Escola de Medicina Veterinária, que decorreu com desusado brilhantismo e animação. Antes de se iniciar o baile disse algumas palavras à assistência — que era numerosa e distinta — o aluno António Madureira. A seguir, houve a apresentação dum número de bailados, executado por um grupo de alunos que foi ensaiado pela conhecida professora madame Britt'on. A aluna Marie Louise Dartout interpretou brilhantemente, ao piano, um trecho de Chopin. Findo o programa, começou o baile até de madrugada. A comissão organizadora era composta pelos alunos Tavares da Silva, Xavier de Paiva Pereira, Mottili Paiva, Sales Gomes e Infante de la Cerda. Na gravura de cima vêem-se os membros da comissão, tendo ao centro, madame Britt'on e a D. Marie Louise Dartout e na do lado, damos um aspecto do baile.



Numa festa efectuada nas salas do Club Desportivo «Os Treze», fez-se a eleição da Rainha da «Mi-carême». Foi eleita a sr.^a D. Berta Ferreira, que se vê na gravura de cima, cercada pelas suas damas de honor. Publicamos ainda um aspecto do baile, que se seguiu à eleição.





VIDA FEMININA

pintada: é a beleza da alma. Essa beleza que torna expressivo todo o rosto de mulher, essa ternura que há no seu coração e que a leva a sofrer com as que sofrem e a querer minorar-lhes os seus males. A mulher portuguesa dum doce índole tem em geral essa beleza, superior a todas as outras belezas e é encantadora de suavidade e doçura. E mais uma vez vai ler a mulher portuguesa a ocasião de exteriorisar esses belos dons no dia 9 de Abril. Aniversário da batalha de la Lys em que tantos portugueses perderam a vida e tantos foram gazeados, foi esse dia escolhido para comemorar o esforço dos que durante a grande guerra se sacrificaram pela Pátria num grande heroísmo, quer nas geladas trincheiras lamacentas da França, quer nos areais africanos, torturados pela fome e pela sede, debaixo dum sol ardente. São ainda hoje inúmeras as vítimas desse inferno que é a guerra. Viúvas e orfãos são aos milhares. Gazeados, são inúmeros os que estão hoje sendo atacados pela tuberculose. Há famílias cujo chefe luta há anos com o terrível flagelo. A Liga dos Combatentes é continuamente procurada para socorrer os desgraçados que a guerra vitimou mas os seus fundos escasseiam e é doloroso ler de dizer que nada se lhes pôde dar, aos que tanto merecem. Para esse fim auxiliada por uma comissão de senhoras, promove a Liga a venda do capacete cujo produto reverte a favor dos ex-combatentes, das viúvas e dos orfãos. E então nós veremos as senhoras de Lisboa numa cruzada de bemfazer, irradiando beleza dessa que será sempre a verdadeira beleza, sacrificar-se a pedir para os que precisam, essa esmola que estou certa ninguém terá coragem de lhes negar. Porque compreendendo o sacrifício e o altruísmo do seu acto, todos contribuirão com o seu óbolo, para aliviar os males dos que pela Pátria se sacrificaram, cumprindo o seu dever de portugueses e que merecem o respeito, a consideração e o auxílio a que o seu sacrifício lhes dá o direito. Tenho pois a certeza que a beleza moral das senhoras de Portugal será por todos compreendida e que só sorrisos acolherão as graciosas vendedoras de capacetes.

Maria de Eça.

A moda

SEMPRE girando a moda inventando coisas novas inspirando-se nas velhas faz-nos assistir a um verdadeiro renascimento do que já se usou. Pode dizer-se que os lápis dos criadores da moda se cansaram de inventar e copiam o que já se usou. Damos hoje um flagrante exemplo do que afirmamos no interessante vestido em veludo preto e «lamé d'or», que damos hoje às nossas leitoras. Este vestido tem no seu corte e nas suas guarnições as maiores afinidades com as modas de 1894, que o penteado do manequim mais acentua. As pulseiras moderníssimas são em platina e brilhantes. Para a tarde, temos um lindo modelo, dum aspecto muito novo e interessante. O vestido é feito em «crêpe» «losan-

ge» e em setim cor de amora madura de silvas. O chapéu é em setim do mesmo tom e um gracioso laço torna-o encantador. É uma «toilette» muito elegante. O outro modelo é um lindo conjunto para «cocktail» compreendendo uma saia em lã preta, uma blusa em setim branco e uma «jaquette» em peluche de seda «côtelée» branca com uma longa aba em lã preta. O chapéu em setim preto plissado é do mais gracioso efeito. É uma «toilette» de primavera do melhor gosto. Para visitas temos um lindo vestido em «crêpe» mate e setim preto que se torna notado pelas mangas originalíssimas e pelo laço da cintura. É completado por um conjunto de chapéu, colar e pulseira em «Filantick» de ouro, este novo e gracioso achado, em seda artificial, que dá à «toilette» um aspecto elegantíssimo e muito original e elegante. Todos estes modelos têm o cunho da mais alta elegância e distinção.

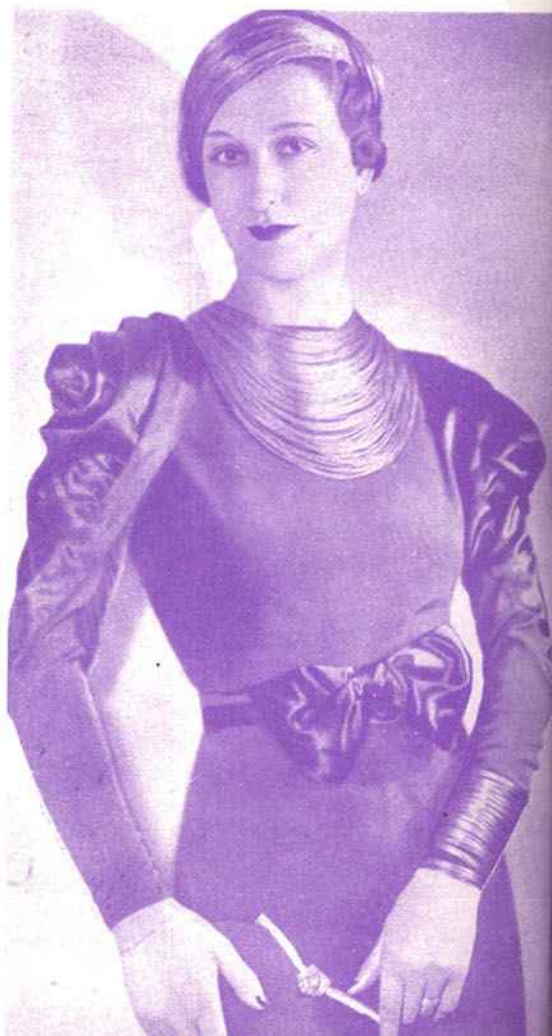
Teatro doutros tempos

NA época em que Félix Possart, dirigia os teatros bávaros, pertencentes ao Estado, existia a proibição severa, que nas cenas de amor os actores trocassem mais do que um simulacro de beijos. Esta proibição diz a «Tribune de Genève» não era muito ao gosto dum jovem actor, que estava apaixonado por uma sua companheira de trabalho mas esta não correspondia a tanto ardor e mantinha o adorador a uma respeitável distância e não lhe permitia em cena senão beijos de teatro. Chegou porém a ocasião que o jovem julgou mais propícia para desafogar o seu desejo. Representava-se «Romeu e Julieta» e ele representava o jovem enamorado e ela a terna heroína de Shakespeare. Desta vez pensava o Romeu, hei-de beijá-la! Na cena final Julieta está morta não pode mexer-se e aproveitarei a ocasião para a beijar melhor, do que

A beleza é considerada nesta época de materialismo como a primeira qualidade da mulher. Ela sente-o de tal forma que para ser bela, luta furiosamente contra a velhice, contra a obesidade, contra todos os inimigos do que hoje se considera formosura. Porque como todas as coisas a beleza tem as suas épocas, e, tem segundo os países e os climas uma diferente feição. Para os gregos que atingiram a perfeição na Arte a beleza consistia no equilíbrio e na harmonia das formas, na perfeição das feições. Para os romanos a mulher forte e alta a verdadeira matrona era, e é talvez ainda hoje o símbolo do belo. No século XVIII a beleza era atrevida, e foi o reinado dos narizinhos arrebilados e das covinhas nas faces.

No romantismo a beleza era a da mulher pálida olheirenta de aspecto doentio e trágico. Hoje a elegância e a beleza são personificadas pelas estrelas do cinema, e toda a mulher que não for esguia como uma serpente, que não tenha olhos guarnecidos por pestanas de dois centímetros de comprimento, e uma boca grande de recortados lábios, não é bela aos olhos dos «habitues» dos cinemas que idealizam a beleza segundo o aspecto da estrela em voga. E para isso a mulher hoje, sujeita-se ao tormento da fome, às torturas da massagem eléctrica, ao cilício das cintas. A usar nos olhos pestanas postiças quando as suas não atingem o crescimento desejado, e, a desenhar com o «baton», uma boca à fantasia do momento. E conseguem ser belas? Não sei, mas fazem a diligência o que já é bastante e muito para agradecer.

Mas há uma beleza que será sempre real e verdadeira que é a beleza natural, dum rapariga nova e fresca, que não precisa recorrer a artificios para ser bonita. Uma beleza que existia no tempo em que as raparigas não tinham todas os cabelos ondulados na permanente, em que havia raparigas de cabelo liso e outras frisadas, em que cada uma, tinha a cor, os olhos e a boca com que tinha nascido. Hoje ainda há algumas dessas belezas mas são raras. Mas a que haverá sempre e sempre será a mais real de todas, com a cara ao natural, ou com a cara



com um beijo simulado. Mas o pobre rapaz teve a má ideia de revelar o seu projecto aos amigos e os amigos desde que o mundo é mundo sempre fizeram das suas. A bela Julieta soube do seu propósito e quando na cena fatal o jovem Romeu se precipitou sobre o cadáver da sua amada, para pôr em prática a sua ideia, uma bem dolorosa surpresa o esperava; a cruel donzela apertava entre os dentes um alfinete cuja ponta estava fora dos lábios entreabertos. Que diferença dêsse tempos para os beijos que agora se trocam nos palcos dos teatros.

Negócios em restaurante

A que condições deve primeiro que tudo responder um restaurante, no qual se reúnem os comerciantes de brilhantes? Segurança, azeite, ótima cosinha? Nada disto; o restaurante deve ser orientado de norte a sul para gozar a melhor luz solar. O restaurante dos comerciantes de brilhantes de Hatton Garden em Londres corresponde a estas condições, mas uma outra singularidade, mais perceptível, que a primeira faz-se notar por quem ali entra pela primeira vez: desde os ingleses, aos japoneses, aos índios, aos árabes, aos negros, todos falam uma língua única: o hebraico. As inúmeras pessoas que se sentam em volta das mesas não dão a sensação de que levam nas algibeiras, grandes capitais. O seu trajar é desleixado e muitas vezes os seus fatos são velhos. Mas sobre as suas gravatas destacam-se um brilhante ou uma perola de fazer estremeecer os conhecedores. Não existem segredos neste restaurante. Se alguém se interessa pela mercadoria que o cliente da mesa vizinha mostra a uma terceira pessoa, trata de deslocar a sua cadeira naquela direção. Extrai da algibeira uma lente de aumentar e observa as «factas». As paredes do restaurante são dum amarelo

porco, mas em compensação decoradas de enormes espelhos, e, quando o dia é escuro, a sala é invadida por enormes facho de luz, projetados, por lampadarios dispostos por toda a parte, com conhecimento de causa. O papel no qual estão envoltas as jóias ou as pedras preciosas, tem um significado particular, uma espécie de linguagem. Branco, diamantes ou safiras. Se a pedra tem um valor excepcional está envolvida num pedaço de algodão. Azul claro: perolas, negro: jóias ou pedras de menor valor. Enormes medidas são tomadas para proteger a liberdade e a segurança do mercado de brilhantes. Não é difícil calcular como os ladrões vigiarão as suas entradas, e, farão o possível para se introduzir nesse restaurante, que seria para eles um esplêndido campo de manobras.

Passado

Está-se demolindo em Paris, o pavilhão do Hanovre, o último vestígio do século XVIII, feito construir pelo duque de Richelieu. Esta demolição fez evocar a um colaborador do «Journal» o extraordinário personagem. Richelieu era sobrinho do cardeal e os historiadores falam dele como dum D. Juan do século XVIII. Nunca coleção de amôres burgueses e aristocráticos ofereceu uma tão surpreendente variedade. Desde a sobrinha de Luiz XIV à mulher dum negociante de moveis, duquezas e criadas, embaixatrizes e meninas burguesas, todas quando aparecia o duque de Richelieu empalideciam e suspiravam. Aos vinte e três anos foi eleito membro da Academia de França e pronuciou um discurso escrito pela sua mão e cheio de erros de ortografia. Mas nesse dia recebeu mais de vinte declarações de amor. Os seus amores começaram no reinado de Luiz XIV e duraram até às vésperas da Revolução! Foi chamado o conselheiro sentimental de Luiz XV, Esteve em luta vinte anos com M.^{me} de Pompadour e fez-se professor de maneiras e conselheiro íntimo da condessa Dubarry. Muitas artistas foram graças a ele apresentadas na corte de Luiz XVI. Casado pela terceira vez aos 83 anos achava ainda maneira de exercer o seu prestígio, e portanto nunca foi belo. Magro, pequeno, durante toda a sua vida pareceu um rapazito que estava entusiasmado. O seu encanto era a sinceridade, segundo a tradição do século XVIII. A esta devem os verdadeiros conquistadores de corações as suas vitórias. Sinceridade sucessiva, mas incontestável de momento em que se manifesta. Se Richelieu encontrou tantas vitimas complacentes é porque quando amava uma mulher, só nela pensava e desafiava tudo para a conquistar. Quantos homens estão agora dispostos a tais sacrifícios? A vida é difícil, os dias são breves, o tempo é dinheiro e o D. Juan moderno, retido no escritório, apouquetado pelo telefone, preocupado com negócios de todo o género, está-se tornando cada vez mais raro. E é assim que a moral só tem a ganhar.

Modificações e diferenças

NUMA carta de Viena de Austria, para a *Stampa*, fala-se das transformações porque tem passado a mulher vienense nestes últimos anos. Esta transformação é testemunhada pelos padeiros e confeiteiros, os quais se queixam da diminuição de consumo dos pãesinhos e dos bolos (sacrificados à exigência da linha). Algumas considerações: A estas considerações outros negociantes juntaram as suas. Um sapateiro de Viena

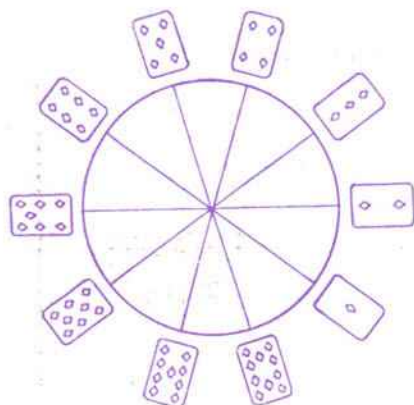


deu informações sobre a sua arte verdadeiramente interessantes. Assegura este mestre do calçado que a vienense compra sempre na mesma loja e pede simplesmente um número 37 ou 38 abaixando a voz se se vê constrangida a pedir um 39, mas esquece que o pé além do comprimento, tem largura a qual é tão importante nas medidas e isto nota-se muito como diferença entre as mulheres de vários paizes. Dar por exemplo a uma americana que calça 37 es sapatos duma vienense é fazer-lhe enfiar nos pés uns barcos, porque o pé da mulher austriaca é muito largo e cheio com um peito de pé muito arqueado, enquanto que a americana tem na generalidade o pé muito comprido e muito seco e estreito. O sapateiro acrescenta que seria um erro imaginar que todas as vienenses têm pés grossos, esse privilégio é para as holandesas. A francesa tem um pé proporcionado, um pouco mais estreito do que a vienense, a italiana tem em geral um bonito pé, ainda que com tendência para grande e arruina-o em geral, usando tacões muito altos, sete centímetros de tacões não é raro ver-se. O pé das checas é gracioso mas gordinho, a polaca tem um lindo pé e a majyar um pé no género das vienenses. Mas os mais lindos pés do mundo são os da península ibérica. Em parte nenhuma se vêem os pés pequenos estreitos, arqueados das espanholas e das portuguesas e são também sem a mais pequena dúvida, as mulheres, que melhor calçam e que mais gosto fazem na elegância do seu pé.



PIM DE FESTA

O círculo de ouros



Coloquem-se as cartas de ouros, desde o az até ao dez, num círculo, conforme se vê na gravura.

O problema consiste em dispô-las novamente na circunferência do círculo, de modo tal que a soma das pintas de quaisquer duas cartas, que se encontram ao lado uma da outra, seja igual à soma das pintas das duas cartas que lhes ficam opostas, nas outras extremidades das linhas cruzadas.

O az, está claro, conta-se por um.

Pensamentos

Quem quiser ter graça não o anuncie antes de contar qualquer anedota.

Nada há a esperar dos imitadores.

Passatempo



Hão de vê-se, por aqui, um esquiô e três guardas do parque.

Bridge

(Problema)

Espadas — — —
Copas — A. 6.
Ouros — A. 5.
Paus — A. 8, 5, 3.

Espadas — — —
Copas — R. 7.
Ouros — R. 6.
Paus — R. D. V.
10.

N

O

E

S

Espadas — D. 9, 6, 4.
Copas — 8, 3.
Ouros — 9, 7.
Paus — — —.

Espadas — — —
Copas — D. V.
10.
Ouros — D. V.
10.
Paus — 9, 2.

Trunfo é espadas. S. joga e faz as vassas todas.

(Solução do número anterior)

S joga a Dama de ouros e N balda-se ao Valeta de paus.

S joga o 2 de ouros, O entra com o 9. N balda-se ao 10 de paus.

O joga espadas ou copas.

N prende e joga a carta firme de copas ou de espadas e, a seguir, o 8 de paus.

E entra ou não com o Rei.

Em qualquer dos casos S faz o 9 de paus e tira as duas cartas firmes de ouros.

Uma máquina de sono

O professor de psicologia da *North Western University*, de Nova York, John Mirgan, inventou, há pouco, uma «máquina de sono», para ajudar a adormecer as pessoas que sofrem de insónias, devido a excitação nervosa causador por preocupações ou excesso de trabalho.

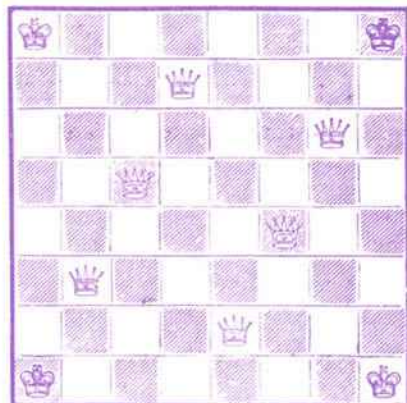
Trata-se de um pequeno aparelho que se coloca na cama e que faz um ruído brando, semelhante ao do mar em bonança, com intervalos de meio minuto de silêncio. Diz o professor que das experiências realizadas, nenhuma falhou: pessoas que estavam horas sem conseguir adormecer, mergulham no sono ao cabo de poucos minutos.

E o resultado atingirá a máxima perfeição, sempre que se puder sincronizar a frequência do rumor com a respiração da pessoa que utilizar a máquina.

Xadrez

(Solução)

Tratava-se neste problema de colocar seis Damas e quatro Reis no taboleiro de maneira tal que nenhuma Dama ficasse *en prise* e nenhum Rei em cheque.



Ainda outra solução se pode obter com os Reis colocados na casa da Torre da Dama, na casa do Bispo do Rei, na sexta casa da Torre da Dama e na sexta casa do Bispo do Rei.

A colocação das Damas torna-se depois coisa fácil.

Palavras cruzadas

(Solução)

P	E	R	A	E	T	A	E		
E	L	V	A	S	N	E	R	A	C
R	E	A	T	E	T	R	O	I	A
S	O	M	A	R	A	R			
A	A	C	O	R	A	L	S	T	
S	M	A	L	A	R	I	A	E	
		O	L	A	A	S			
F	A	D	A	B	A	I	D	A	
O	R	A	R	E	I	L	A	N	
R	O	S	A	M	M	O	R	A	
A			R	E	L	A	O		

O gato não é estúpido...

Contam os jornais de Joannesburg que tendo-se manifestado incêndio, à uma hora da madrugada, numa casa de hóspedes, quando todos estavam profundamente adormecidos, o gato da casa, espantado pelo fumo, saltou para cima da cama, da proprietária e, desatando a miar, acordou a dona.

Se não fôsse esse animal ter dado alarme dessa forma, o incêndio tomaria graves proporções, pondo em risco a vida dos residentes.

Longevidade extrema

Faleceu, há pouco, na Zelândia, com 123 anos, sendo sido sepultada no cemitério de Ballyconnon, em Dublin, a senhora Catarina Brickland, que era segundo parece a mulher mais velha do mundo. Tinha quatro anos quando se travou a batalha de Waterloo e viveu sob o reinado de seis monarcas: Jorge III, Jorge IV, Guilheme IV, rainha Vitória, Eduardo VII e Jorge V. Os progressos modernos não a entusiasmavam e reprovava em absoluto as modas femininas. Conservou, até ao último momento as faculdades mentais.

Grande sucesso literário:

JÚLIO DANTAS
AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem — Terceiro sexo — Jus sufragil — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado Delegadas a Gênebra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefere blondes — As revolucionárias do golf — Jursiconsultos de sáias — Eva standardizada — As sinistradas da beleza — É preciso ser bela para ser feliz? — Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas — A dama do pijama verde — As amigas do homem

1 volume de 312 páginas, brochado **12\$00**
 encadernado **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Grande sucesso literário

3.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

Prémio Ricardo Malheiro

Conferido pela Academia das Ciências de Lisboa

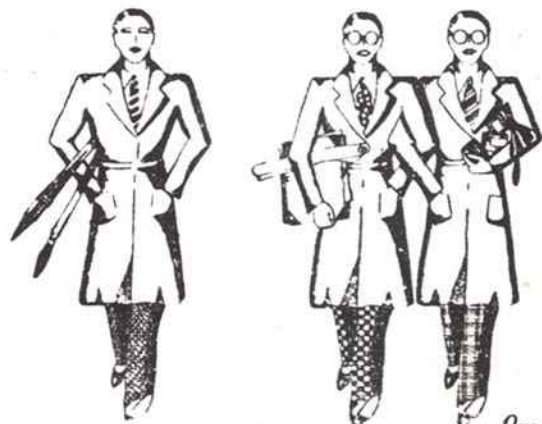
1 vol. de 268 págs., brochado **10\$00**
 encadernado **15\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
 LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE **BERTRAND**

2 13 0 8

IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

A' venda a 3.^a edição

A BATALHA SEM FIM

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 308 páginas, brochado 12\$00
Encadernado 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAIR A NOVA EDIÇÃO DO

Desenho de máquinas

DA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

1 volume de 344 páginas, 283 gravuras e 91 estampas.
Encadernado em percalina, Esc. 30\$00. — Pelo correio à cobrança, Esc. 32\$50

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte—(2.^a edição), 1 vol enc 13\$00 br. 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirão dada por largos valôres, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neurilatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espirital em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excellentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGÊNCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COFROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOCARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

À venda nas boas livrarias

Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL** — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

SAGRES

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. B. X.

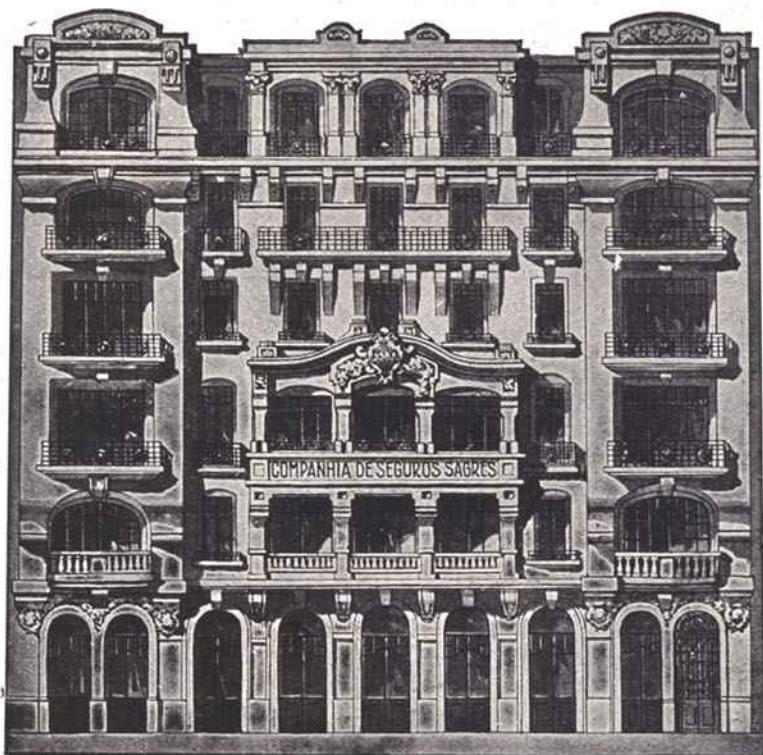
CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

À venda a 4.ª edição

TERRAS DO DEMO

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 332 págs., brochado..... 12\$00
Encadernado..... 17\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda em todas
as boas livrarias

A 7.ª EDIÇÃO, REVISTA

O último olhar de Jesus

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 volume de 375 páginas { brochado 12\$00
encadernado..... 17\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encad. com 351 págs. 25\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler

Com um prefácio do Dr. L. Castro Freire
e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosissimo vol. ilustrado. 6\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de sair

A 6.ª EDIÇÃO
Jornadas em Portugal

por ANTERO DE FIGUEIREDO

“JORNADAS EM PORTUGAL”:
— não pôde haver livro mais sacro da
terra portuguesa, escrito com mais
linda e rica linguagem do que este.

EDUARDO SCHWALBACH.

1 vol. de 404 pág. brochado **12\$00**
encadernado **17\$00**

■
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR
VOCABULÁRIO
DE
TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado
30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

Acaba de sair a nova edição do

CONDUTOR DE MÁQUINAS

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

**LIVRO MUITO ÚTIL
E REPLETO DE GRAVURAS**

1 vol. encad. em percalina **25\$00**

Pelo correio à cobrança **27\$50**

■
PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

JULIO DANTAS

ARTE DE AMAR

13.º e 14.º milhar

■
1 vol. de 226 pág., broc. **10\$00**
Enc. **15\$00**

—
A' venda em todas as livrarias

■
Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80
LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SECULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{ma} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que eu lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que eu lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMÓN DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal
Saíu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estatuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos e Queira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Rinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Para conservar uma boa saúde, tome Ovomaltine



PARA dar e manter uma boa saúde nada há como a deliciosa Ovomaltine. Esta completa e perfeita bebida tônica alimentar, contém em proporções correctas, numa forma concentrada, todos os elementos nutritivos essenciais para a formação do organismo, cerebro e nervos.

Durante a estação quente a Ovomaltine tomada a frio é essencialmente necessaria, mas não o é menos durante os meses de inverno em que preparada a quente se torna a mais agradável e reconfortante bebida alimentar.

A Ovomaltine é cientificamente preparada com malte suíço da melhor qualidade, leite e ovos frescos. Ao contrario das imitações, não contém assucar vulgar para lhe aumentar o volume reduzindo-lhe o preço.

A Ovomaltine tem uma percentagem de 100% de alimentos nutritivos e considerando a sua superior qualidade, é a bebida tônica alimentar mais barata que se pode comprar.

Há só uma Ovomaltine, nada há que a substitua.

A venda em todas as farmacias, drogeries e boas mercearias em latas de 110, 250 e 500 gramas, aos preços de Esc. 8550, 16500 e 30500

DR. A. WANDER S. A. Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.ª (IRMÃOS)

RUA DOS CORREIROS, 41-2.ª - LISBOA